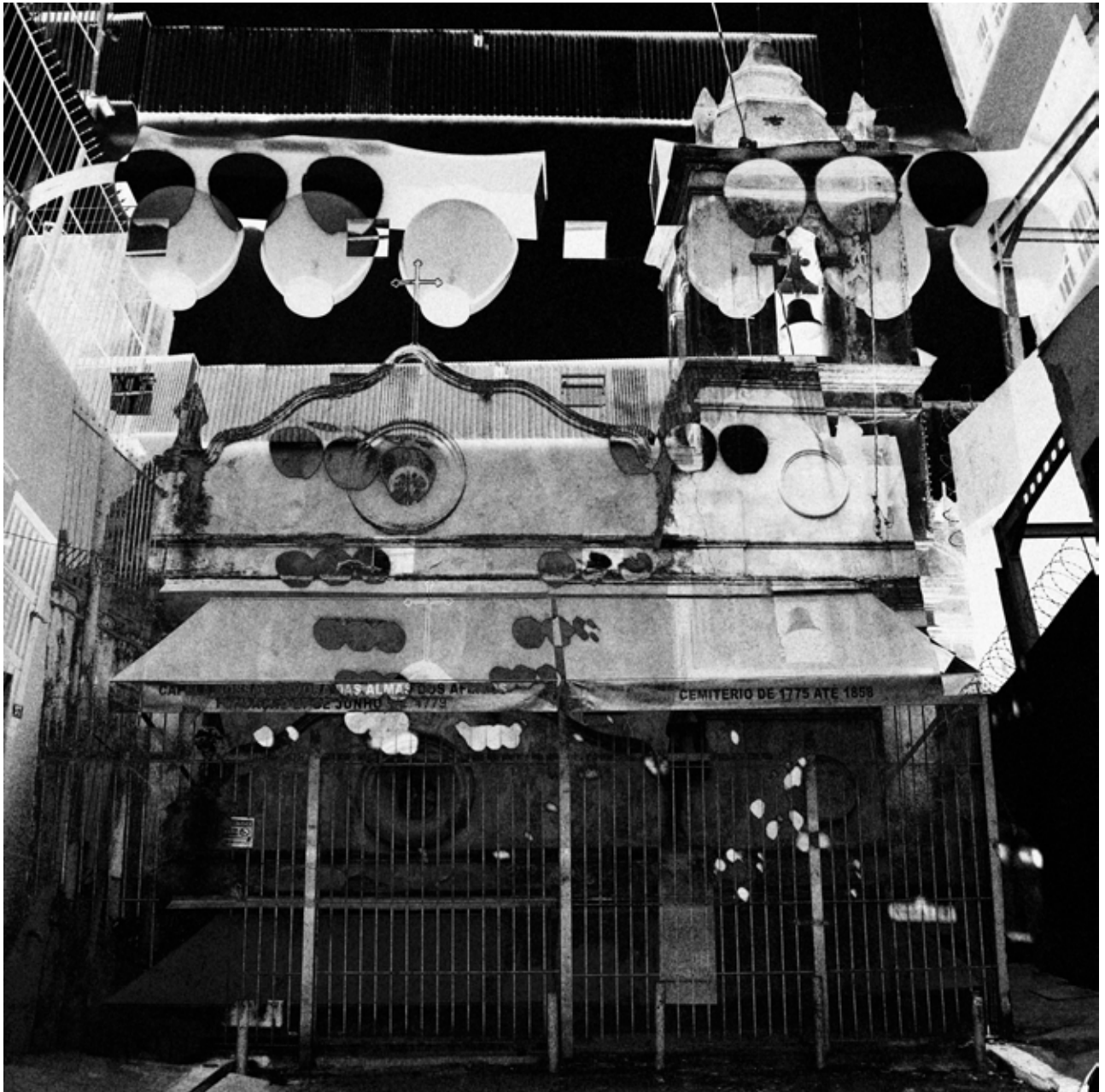


DUMELA

FIAM
FAAM
CENTRO UNIVERSITARIO

FMU
CENTRO UNIVERSITARIO





AS . SEN . TA . MEN . TO

Pode ser um assentamento de um prédio, de um edifício, ele pode ser um assentamento de um grupo social, como até hoje o MST usa, ou ele pode ser também a força mágica que mantém um terreiro de pé. Então eu escolhi esse nome pensando em que a população negra, apesar de todos os horrores sofridos na escravidão, ainda assentaram uma cultura, ainda assim assentaram um país.

Rosana Paulino, 2019.

É preciso esperar...

Expediente

A DUMELA é uma produção do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA), pertencente ao FMU | FIAM-FAAM Centro Universitário.

Volume 4 | Nº 1/2022 | Anual

Presidente/Reitor: Arthur Sperandéo de Macedo.
Vice-Presidência Acadêmica e de Inovação: Aline Alves de Andrade.

Vice-Presidência Acadêmica: Manuel Nabais da Furriela.

Diretor da Escola das Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Artes e Humanidades: Fernando Albino Leme.

Coordenadora do Curso de Jornalismo e do Curso de Relações Públicas: Nicole Morihama.

Coordenadora Curso de Publicidade e Propaganda: Tereza Imperiale.

Coordenador do curso de Rádio, TV e Vídeo: Isabella Regina Goulart.

A DUMELA

Diretora de Redação e Coordenadora do NERA: Maria Lucia da Silva (MTB 0563 ES)

Editores

Maria Lucia da Silva (MTB 0563 ES)

Gean Gonçalves (MTB 0072420 SP)

Vinicius de Souza Mendes (MTB 0068420 SP)

Diretor de Arte e designer: Matheus Reis

Foto da Capa: Pedro Martins

Jornalistas que colaboraram com essa Edição: Maria Carolina Sousa, Bruno Cavalcanti, Thiago Venanzoni e William Pianco.

Colaboração dos Estagiários NERA/AICOM:

Davi Ribeiro, Gabriela Perpétua, Gabriel S. Oliveira, Giulia Hartvite, Henrique Di Spagna Lobo, Luiz Guilherme C. O. Domingos, José Carlos L. Lopes, José Juliano F. Vasconcelos, Priscila Alves, Victoria R. Oliveira, Wendy Gomes, Anny Caroline Galvão, Leonardo Sá, Samara Chrystine Santos.

Colaboraram com essa Edição:

Antônia Márcia Araújo Guerra, Andreia Teixeira Ramos, Jheniffer Lourenço, Manuel Fabricio Alves de Andrade, Renato Gonçalves Ferreira Filho, Sabrina S. Graziano, Sancler Ebert, Vanessa Maria da Silva.

Participaram da matéria (o que é racismo ambiental):

Cristiane da Costa Malta, Kailany Santos Coletto, Paula Christiani Alécio, Priscila Azevedo dos Santos, Rami Amanda Padua Melo, Rodrigo Viana de Oliveira Moraes, Elisângela Ronconi Rodrigues.

Participaram da matéria (50 anos do FIAMFAAM):

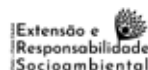
Fotografos Ana Luiza Andreoni, Flávio de Cássio dos Santos e Guy Almeida

Participaram da matéria (Programas de Voluntariado):

Anny Caroline Ulice Dias Galvão, Arthur Silvestre, Manuela Sanches, Sofia Matias Vilar de Abrantes.

A DUMELA está localizada nos seguintes endereços: Av. Santo Amaro, 1239 - Vila Nova Conceição, São Paulo - SP, 04745-000 e Você pode entrar em contato conosco através dos e-mails: redacao@revistadumela.com.br; maria.lsilva@fiamfaam.br; gean.goncalves@fmu.br

ISSN 2595-797X | Volume 4 | Nº 1 | Dezembro 2022



Chegamos ao número seis! Mais uma edição para registrar nossas memórias!

Estamos recheadas de textos potentes, que revelam nossa luta por uma educação antirracista de qualidade.

Abrimos a edição com fotos que fazem parte do ensaio fotográfico de Pedro Martins, egresso do curso de Artes Visuais, que redesenhou a cidade com sua lente. Pedro transformou a cidade em um “assentamento”, pois sua pesquisa “investiga a respeito dos processos de transformação, destruição e preservação dos espaços urbanos ligados à memória e à história brasileira”, como bem nos afirmou em seu texto que abre a editoria **Ensaio**. Trouxemos a fotografia de Pedro para a capa 1 e a capa 2, acompanhadas pelo conceito de “assentamento”, pela beleza dos registros realizados no bairro Liberdade, por tudo que representa para a cultura negra brasileira.

Na editoria **Por que ler**, temos duas resenhas que nos convidam ao prazer da leitura: a primeira, do livro Discurso de Ódio nas redes sociais, de Luiz Valério Trindade, e a segunda, Eu sei porque o Pássaro canta na gaiola, da americana Maya Angelou.

Na editoria **Por que ver**, publicamos três textos sobre os filmes Marte Um, Filhas de Lavadeiras e Não! Não Olhel, resenhas que nos traduzem a beleza e qualidade fílmica dos produtos. O filme brasileiro Marte Um foi indicado para representar o Brasil no Oscar 2023. O documentário brasileiro Filhas de Lavadeiras foi premiado em festivais brasileiros e europeu. Já o filme americano Não! Não Olhel, também prestigiado pelo público brasileiro, compõe nossas sugestões para que você assista.

Em **Por que ouvir**, trouxemos Gal Costa, falecida recentemente e Marina Lima, para convidar você a uma audição atenta da obra dessas cantoras que trazem referências da música negra em suas obras.

No **Espaço Discente**, recebemos um texto sobre racismo ambiental, outro sobre Iniciação Científica, realizada sobre o filme Besouro, e um outro sobre um TCC que abordou Candomblé.

No **Espaço Docente**, convidamos você a mergulhar na reflexão sobre o papel do professor.

Inauguramos uma nova editoria – **Impacto Social** –, que vai registrar atividades de extensão desenvolvidas pelos cursos da Instituição. Na estreia, temos ações

desenvolvidas pelos alunos e professores do curso de Biomedicina. Na editoria Memória, contamos um pouquinho da história de 50 anos da FIAMFAAM e dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Música. No **Espaço NERA**, temos um pouco de como foram as atividades que realizamos no núcleo durante o ano de 2022.

E, não menos importante, temos duas entrevistas: uma na editoria **Personagem**, na qual nossas alunas dialogaram com o psicólogo Igo Ribeiro, presidente da ANPSINEP, sobre saúde mental da população negra; e, em **Diálogos**, temos uma entrevista com o pesquisador da USP, Júlio Barbosa Chiquetto, que ressalta a importância de debatermos as mudanças climáticas. E terminamos com **Refleta**, sobre os direitos humanos.

Esta é mais uma edição que demoramos para executar, porque no meio do caminho, após dois anos de trabalho remoto e pandemia, não pudemos mais contar com a preciosa parceria e trabalho da professora e editora Carla Tozo e com o nosso diretor de artes Iuri Lima, com os quais desenhamos juntas e executamos os cinco primeiros números da Dumela e que agora estão alcançando novos caminhos nas suas vidas profissionais. Muito obrigado por tudo.

Mas, tanto o NERA quanto a Dumela ganharam com a chegada da professora do curso de Serviço Social, Eloisa Gabriel dos Santos, e dos professores/jornalistas Gean Gonçalves e Vinicius de Souza Mendes, na edição do site e da revista impressa. Também agradecemos ao professor Euclides Santos (Crido), por nos trazer Matheus Reis – diretor de artes –, egresso do curso de Design.

Quero agradecer aos professores, alunos, egressos e colegas jornalistas que contribuíram para entregarmos mais uma edição da Dumela.

Como nos ensinou Paulo Freire, é preciso esperar, e esperar aqui é juntar com outros para fazer de outro modo.

Boa leitura!

Maria Lúcia da Silva



29

Espaço

NERA

Consciência Negra

Sumário

06 Por que ler
Intolerância no mundo digital

10 Por que ver
Encontro amoroso com “filhas de lavadeiras”

16 Por que ouvir
Marina Lima em 5 décadas

26 Espaço Docente

41 Personagem
Cursos de Psicologia ainda não consideram o racismo como constituinte de subjetividades

56 Diálogos
Debate sobre mudanças climáticas não podem ficar apenas nas universidades

58 Ensaio
Assentamento

64 Precisamos falar
O voluntariado é o mais novo aesthetic

66 Reflita
Por outra história dos direitos humanos



39

Impacto Social

(Bem)medicina



46

Memória

Música de respeito

Intolerância no mundo digital

Por que ler

Mulher negra é a principal alvo de discurso de ódio nas redes sociais

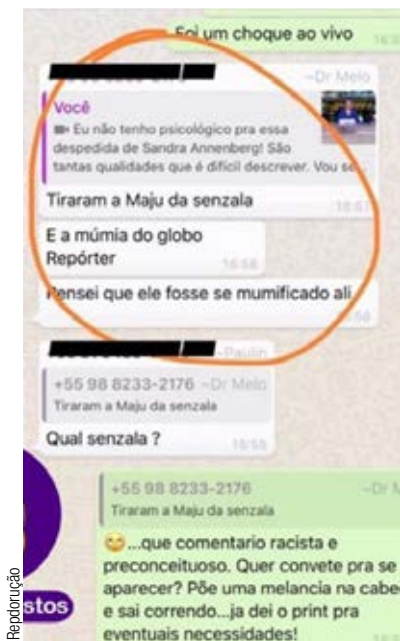
Por Sabrina S. Graciano*



O professor Luiz Valério Trindade é Doutor em Sociologia pela University of Southampton (Inglaterra), Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Nove de Julho (São Paulo) e graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Braz Cubas (Mogi das Cruzes). Realizou diversos cursos de extensão universitária conduzidos em Portugal (ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa), nos EUA (Universidade de Harvard), Canadá, entre outros países. Além da extensa formação acadêmica, escreveu muitos trabalhos de enorme relevância publicados em periódicos e os livros 'No Laughing Matter: Race Joking and Resistance in Brazilian Social Media' (Vernon Press, 2020) e 'Discurso de Ódio nas Redes Sociais' (Editora Jandaíra, 2022).

Sua obra mais recente, denominada *Discurso de Ódio Nas Redes Sociais*, foi lançada em março de 2022, faz parte da coleção Feminismos Plurais, coordenada pela filósofa Djamilá Ribeiro e sobre a qual essa resenha se dedica.

O livro é baseado no estudo realizado pelo prof. Trindade durante seu doutorado e origina-se de uma profunda análise do discurso de ódio publicado e disseminado nas redes sociais, especialmente no que diz respeito ao racismo e misoginia. Referida obra é convidativa e de fácil



Reprodução
stos

leitura, indicada para aqueles leitores que estão iniciando sua jornada de conhecimento e compreensão sobre o tema do racismo, bem como traz dados e informações surpreendentes e de suma relevância para os leitores que já se enveredam por essa trilha há algum tempo.

A publicação é dividida em cinco capítulos, além da introdução e das considerações finais. A escolha pela segmentação do tema auxilia na total compreensão da problemática do racismo atual, principalmente porque revisita a história do Brasil após a abolição e aborda a construção da identidade nacional lastreada nos padrões de branquitude europeu, trazendo à luz a gênese do racismo à brasileira. Após isso, analisa a migração do racismo e do discurso de ódio para as redes sociais; perpassa pela análise das plataformas de redes sociais, se aprofundando no Facebook por questões de metodologia; e, por fim, examina publicações concretas de cunho racista com o intuito de compreender a mensagem por trás desses ataques.

A história do Brasil pós abolição é marcada pela ideia de sociedade moderna caucasiana nos moldes europeus. Assim, a sociedade brasileira experimentou (e, em certa medida,

ainda experimenta) o fomento da migração europeia como força de trabalho remunerada, em substituição aos escravizados; a ausência de políticas públicas para integração dos negros libertos; marginalização desse grupo, em uma espécie de segregação tupiniquim com o surgimento de cortiços e favelas; bem como o apagamento histórico e a negação do racismo e da escravidão.

No entanto, muito embora até hoje ainda se negue a prática de racismo no país, a imagem do negro sempre foi (e continua sendo) ligada à figura de invasor, delinquente e inculto. Para as mulheres, além desses aspectos negativos, ainda se atribui características sexuais, sensuais e subservientes.

Todavia, nem sempre o racismo não se manifesta de maneira escancarada e violenta. Muitas vezes aparece travestido de piadas, camuflado em linguagem codificada, mas geralmente carregado das características degradantes acima expostas. O autor chama esses mecanismos de “racismo à brasileira”. Ou seja, a forma despretensiosa, com dissimulada inocência.

Imagine toda essa carga de discriminação e ódio facilitada pela amplitude da rede? As redes sociais contribuem imensamente para a disseminação do discurso de ódio, o que fez com que o número de casos de racismo subisse para índices inimagináveis. Nesse contexto, as mulheres negras em ascensão social são as maiores vítimas dessas agressões, a medida em que 81% das ofensas são direcionadas a elas.

A falsa sensação de proteção pelo “anonimato” e pelo distorcido uso do direito de liberdade de expressão, bem como o eco encontrado pelas mensagens discriminatórias contribuem enormemente para que as pessoas se sintam seguras e confortáveis para destilar ódio e horror pelas redes por meio de comentários, posts ou engajando publicações de cunho racistas com curtidas e compartilhamentos.

Desse modo, ao analisar mensagens concretas publicadas no Facebook, o

autor identifica precisamente todos os traços do racismo à brasileira em cada manifestação.

A mais importante reflexão sobre o tema reside na forma de combate ao discurso de ódio nas redes sociais. A visualização e a republicação desses conteúdos, ainda que seja para rechaçar e repudiar tal prática, colabora para o engajamento. Nesse contexto, o prof. Trindade esclarece com maestria que a polêmica e o engajamento geram lucro para as plataformas das redes sociais, as quais acabam se beneficiando com essas agressões.

Assim, a conscientização e a educação sobre questões de discriminação são a saída para essa enorme questão. Ademais, não se pode perder a capacidade de se indignar com ataques como esse. Santo Agostinho nos ensinou a esperança depende da indignação e da coragem. Espero que possamos viver tempos de respeito, igualdade e amor, para tanto temos que nos indignar e lutar fortemente contra a discriminação e ódio.



Arquivo pessoal

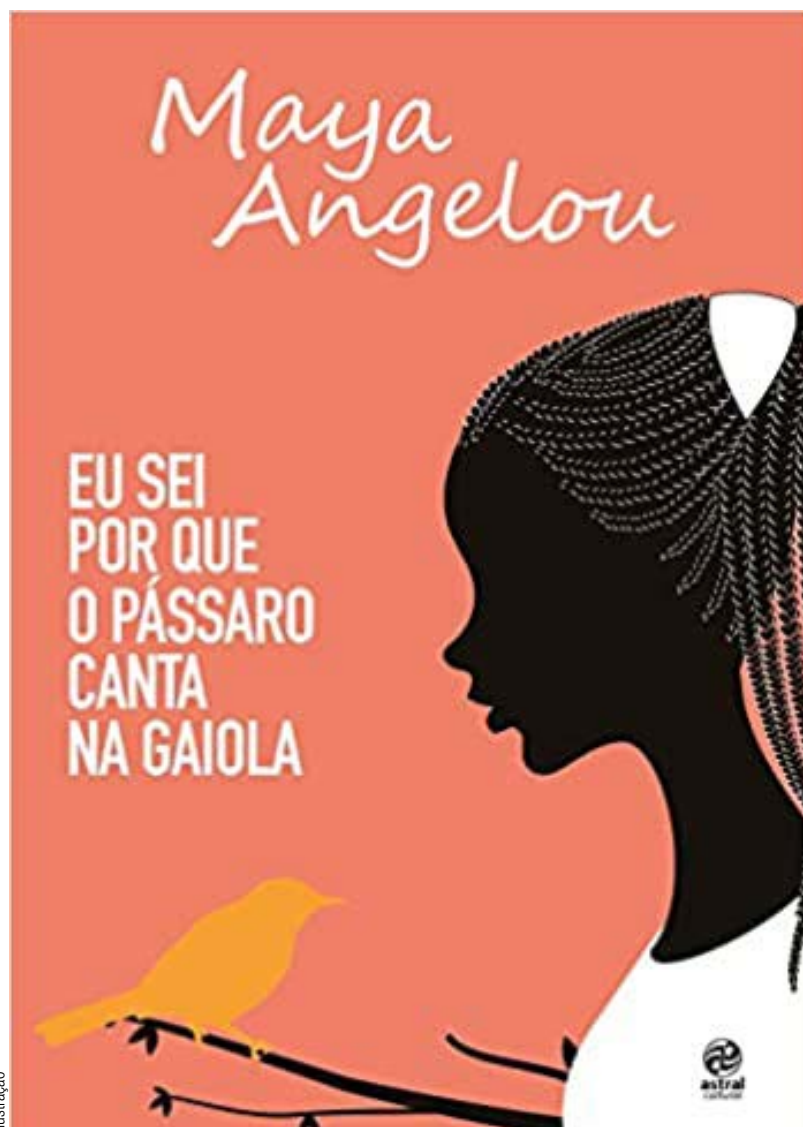
*Sabrina S. Graciano, Mestranda no Centro Universitário FMU em Direito da Sociedade da Informação. MBA em Corporate Strategy pela Business School São Paulo (BSP). Pós-Graduado com título de Especialista em Direitos Contratual pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Direito pela Universidade São Francisco de Bragança Paulista - SP. Advogada.

Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola

Por que ler

Literatura contra o infortúnio do não pertencimento

Por Vanessa Maria da Silva*



Ilustração

Por que precisamos ler *Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola* de Maya Angelou? A resposta é bem simples. Porque é fundamental conhecer a escritora norte-americana por meio dessa obra autobiográfica, que incomoda e emociona ao refletir sobre três temas difíceis: racismo, segregação e abuso.

Para começo de conversa, é importante informar você, leitora e leitor, que por se tratar de resenha de uma obra autobiográfica, esse texto contém spoilers, mas acredito que nenhum deles diminuirá seu interesse em ler essa escrita sensível, de beleza poética e tão poderosa.

Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola é uma autobiografia que narra a vida de Marguerite Ann Johnson, carinhosamente chamada de Maya. Garota negra, ávida por literatura, criada por sua avó paterna no pequeno povoado de Stamps, no Arkansas, sul dos Estados Unidos, tem a vida marcada pela dor de uma sociedade apartada sob o absurdo princípio denominando “separados, mas iguais” de 1875 que embasou dezenas de leis segregacionistas até a década de 1960.

A narrativa conta a trajetória da infância até a adolescência de Maya sob sua própria perspectiva e nos apresenta aspectos como a

desestrutura familiar, iniciando pelo período em que ela e seu irmão Bailey Jr., com quem tem uma relação de muita cumplicidade e afeto, são abandonados pelos pais logo após o fim do casamento.

E então, levados da Califórnia para o sul para serem criados por Momma, a avó paterna rígida e religiosa. Maya relata os pormenores da rotina da pequena comunidade sulista como as atividades na escola, a relação com as poucas pessoas brancas que ainda moravam no povoado, as celebrações na única igreja frequentada por negros, os caminhões que partem nas primeiras horas das manhãs carregados de negros catadores de algodão e o mercado da família. E é justamente quando pensamos que o texto seguirá descrevendo o seu cotidiano, a história muda bruscamente para acontecimentos que exigem do leitor pausas para poder digerir as experiências traumáticas vividas pela garota.

Por causa de vários episódios de perseguição a negros no sul dos Estados Unidos, aos 08 anos Maya e o irmão retornam à Califórnia para passar uma temporada com a mãe, de quem eles mal se recordam. Enquanto o Bailey Jr. se encanta pela costa oeste, a irmã passa a conviver com os conflitos emocionais como baixa autoestima e a não aceitação de suas características físicas, comuns às pessoas negras. No entanto, o pior ainda aconteceria: Maya sofre sequenciais abusos do seu padrasto sendo estuprada por ele. Mesmo fragilizada por tantos traumas, ela ainda precisa encarar o julgamento do seu padrasto. A menina é exposta e tem sua palavra contrariada pelo tribunal, o que acarreta uma pena branda ao criminoso.

Maya e o irmão, então, retornam aos cuidados da avó paterna no sul do país. Ela que adorava ler, criar histórias e brincar, permanece por anos sem falar com ninguém. Nesse período Maya se refugia nos livros.

Ela lê todos os livros da biblioteca para Negros de Stamps, decora peças inteiras de Shakespeare e sonetos clássicos. É na literatura que ela encontra o seu alívio, a sua libertação. A literatura se torna regeneradora para Maya Angelou, principalmente na adolescência, quando ela tem ciência do racismo estrutural e então passa a se aceitar, a ter orgulho de ser Marguerite Ann Johnson. E todo esse processo tem a presença ativa de Bertha Flowers, uma professora amiga da família, que motiva a jovem Maya a ler poesias em voz alta. Os frequentes encontros entre Maya e Sr.^a Flowers são chamados pela escritora como “minhas lições de vida”.

A obra narra o infortúnio de vivenciar o não pertencimento, o preconceito, a dor de uma infância roubada pelo abuso, ora por palavras com um tom duro e objetivo para manifestar a sua revolta, ora de forma metafórica, como o próprio título, *Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola*.

O título do livro inspirado no poema *Sympathy*, de Paul Laurence Dunbar, de 1899, nos remete a ideia do pássaro aprisionado que canta seus medos, que canta pela sua liberdade. Um ser que, naturalmente, deveria ser livre, está entre grades impostas pela sociedade.

Maya é vitoriosa. Se libertou das grades da gaiola social e se tornou cantora, poeta, jornalista, dançarina, atriz, roteirista, diretora e ativista dos direitos civis ao lado de Martin Luther King Jr. e do escritor James Baldwin. Seu livro *Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola* é leitura obrigatória na maioria das instituições de ensino norte-americanas, sendo traduzido para inúmeras línguas estrangeiras. Pessoalmente, acredito que nunca estamos preparados para ler uma obra que nos atravessa com tanta intensidade pela dor e pela sensibilidade para tratar de assuntos tão densos e espinhosos em um tom poético.

Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola é uma obra atemporal, forte e indispensável a todos.



Arquivo pessoal

*Vanessa Maria da Silva é professora e coordenadora de cursos de Educação e de Bacharelado no Centro Universitário FMU. Possui pós-doutorado com a pesquisa sobre Artes e Interculturalismo para o Ensino de Língua Estrangeira. Fez parte do seu doutorado na Brown University (RI, EUA) e se dedica à pesquisa sobre estudos culturais, linguística aplicada, perspectiva intercultural no ensino e aprendizagem de língua estrangeira e formação docente.

Brasil da esperança

Por que ver

Produção de Contagem, Minas Gerais, *Marte Um* é uma síntese dos nossos últimos 4 anos. Ou 20 anos

Por Thiago Venanzoni*



Divulgação

Produção de Contagem, Minas Gerais, *Marte Um* é uma síntese dos nossos últimos 4 anos. Ou 20 anos. Ou dos últimos 200 anos, não voltarei a tanto, mas podíamos construir a narrativa do filme em contexto com a formação do país e de seus acordos discursivos e sociais. Voltaremos a quase 20 anos e com o anúncio do então ministro da cultura Gilberto Gil em cadeia nacional, anunciando a criação do Sistema Nacional de Cultura. Ele consistia, basicamente, na construção de uma rede de cultura em grande parte do território brasileiro, com meios de investimentos regionais e territoriais, criação de conselhos municipais, entre outras ações, como o Projeto Cultura Viva e os convênios dos Pontos de Cultura.

Ao longo dessas duas décadas, as milhares de ações promovidas por essa estrutura criada possibilitou ao país e a sua cultura aliar a proposta de valorização da diversidade, algo subscrito na carta da UNESCO em sua convenção, com os territórios. Ao pensar o local, seu conflito e diálogo com o global unificador, a cultura brasileira passa a investir na inovação de linguagens e nas possibilidades para além dos territórios legitimados.

No campo do cinema, a formação da Ancine, em 2001, buscava um processo de re-industrialização da produção nacional, depois dos desmandos neoliberais nos anos de 1990, e num fortalecimento das Lei do Audiovisual, que já notava seu desgaste ao fim da década. Em 2006, a

criação de um fundo, o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), passou a ser o mecanismo mais relevante nesse processo de uma nova industrialização do audiovisual, uma vez que as produções se autofinanciavam a partir do Condecine, imposto gerado sobre elas.

Essa constatação histórica se liga ao território de Contagem, cidade operária da região metropolitana de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. A primeira evidência consiste no fato da produtora de *Marte Um*, a Filmes de Plástico, criada neste período, em 2009, em Contagem teve boa parte da sua produção, em especial de longa-metragem, financiada pelo FSA. A segunda constatação é que o fundo se tornou, a partir de 2011, menos reativo às produções com seus arranjos regionais, na esteira da valorização dos territórios como visto na década de 2000. O que criou bases para a produtora continuar existindo em seu território, falando sobre ele e construindo narrativas.

Todas as produções da Filmes de Plástico são feitas em Contagem, com pessoas da cidade, existindo no território e tendo-o como cenário e, em algumas narrativas, como personagem. Em *Marte Um*, filme dirigido por Gabriel Martins e por toda a produtora, o território novamente se coloca, nos deslocamentos das personagens, nas diferenciações entre classes



Divulgação

dentro da realidade da cidade e num elemento constante nas narrativas do grupo: a relação entre trabalho e cidade. Essa relação se nota em outras produções como *Ela volta na quinta* (2015), *Temporada* (2018) e *No coração do mundo* (2019). Além disso, os debates raciais e de gênero que se apontam nesta relação entre classe, território e cidade. Uma síntese dos últimos anos.

A narrativa apresenta uma família negra de trabalhadores que vivenciam esses conflitos, de classe, raça e gênero. Com o pai, Wellington, que trabalha como ajudante de serviços gerais em um condomínio de classe média alta, e com Eunice, a filha mais velha, com suas escolhas de gênero e sua busca por sua própria história. Porém, as duas personagens mais relevantes dessa narrativa são a mãe, Tércia, e o filho mais novo, Deivinho, que refletem como síntese os últimos 4 anos.

O filme se inicia com a posse do presidente Jair Bolsonaro, em primeiro de janeiro de 2018. A decepção que se abate à família seria o reflexo do que se viria a seguir. Tércia é a principal vítima desse momento. Com grave crise de insônia, a representação da ausência

de sono reflete a intranquilidade dos dias de uma mãe negra mediando as relações familiares e sofrendo com o contexto nacional. Em uma situação fútil, em um bar, quando Tércia é vítima de uma pegadinha da TV, a situação se agrava em sua vida e um barulho ensurdecedor lhe acompanha. O ruído do tempo. Vale uma menção também ao fato de ser uma intervenção a partir de um programa de TV muito associado a esse presidente, com um humor de humilhação ao outro. A partir disso, Tércia passa a beirar a loucura e a inconstância, marcas dos dias que se seguem. Deivinho, por outro lado, é a personagem que não vive o presente mas o futuro, em seu sonho de se tornar um astronauta e ser parte da primeira tripulação que habitará Marte. Tércia é o presente aterrador e Deivinho o futuro da esperança. Em evento cultural na campanha do presidente Lula, em 2022, Gabriel Martins, diretor do filme, disse ser fruto das políticas públicas dos últimos 20 anos, dos dois mandatos anteriores de Lula. Que o filme só foi possível por um edital de políticas afirmativas financiada pelo Fundo Setorial do Audiovisual.

Deivinho representa a esperança dessa afirmação e seu retorno a ela. Tércia, por outro lado, é o passado que não devemos esquecer.



Arquivo pessoal

*Thiago Venanzoni, Doutor e mestre (ECA-USP). Graduado em Jornalismo (UNESP). Docente Audiovisual no Centro Universitário FMU FIAM-FAAM nos cursos de Rádio e TV (RTV), Produção Audiovisual, Produção Multimídia e Produção Cultural. Atua na área de Comunicação e Audiovisual.

Encontro amoroso com “Filhas de Lavadeiras”

Por que ver

Por Andreia Teixeira Ramos*



Divulgação

A primeira vez que assisti ao filme *Filhas de Lavadeiras* fui atravessada pelo sentimento de gratidão como som de águas calmas que me inundaram com memórias de uma feliz infância, rodeada das muitas mulheres da minha família, que contribuíram e ainda contribuem para que eu me tornasse esta mulher-negra-corpo-tempo-resistência, que persiste e insiste com coragem, amor, alegria e esperança.

Com o filme *Filhas de Lavadeiras*, Edileuza Penha de Souza, mulher negra, professora, pesquisadora e cineasta — que eu já conhecia de outros trabalhos (SOUZA, 2005, 2013, 2014) — reconectou-me ainda mais à minha ancestralidade ao despertar em mim o desejo de conversar com minha mãe para ouvir suas escrituras (EVARISTO, 2016) do tempo em que era criança e ia para casa das patroas ajudar minha

avó, que foi durante anos de sua vida lavadeira na casa de muitas famílias. Esse filme retrata a vida de mulheres negras mães, lavadeiras e trabalhadoras domésticas que tecem suas escrituras com suas memórias individuais, que são singulares, mas são também coletivas, expressando alegrias e descontentamentos vividos por elas nos cotidianos. Mulheres zelosas, que com sua labuta e força, de geração a

Divulgação



geração, lutaram por uma vida digna e pelo direito à educação e à escola pública para suas filhas, ecoando com suas vozes os modos como resistiram, insistiram e persistiram com amor e coragem “lavando a dignidade da família”.

Portanto, é preciso insistir e potencializar as práticas de desconstrução fílmica de modo a reconstruir sujeitos e criar possibilidades de descolonizar seus corpos, possibilitando-nos resistir “ao modo como a cultura dominante pensa a história, a identidade e a comunidade”, como ensina bell hooks (2019, p. 325). Assim sendo, eu-mulher-negra (RAMOS, 2013, 2018, 2019, 2020, 2021a, 2021b), neta de lavadeira e filha de empregada doméstica, hoje mestra, doutora e pós-doutora em Educação, ergo a minha voz exercitando uma atitude política, ética, estética e pedagógica e convido vocês para assistirem ao filme Filhas de Lavadeiras.

Com o documentário de 22 minutos, Edileuza Penha de Souza ergue as vozes de Ruth de Souza, Conceição Evaristo, Ângela Donizete Batista de Deus, Benedita da Silva, Elisabete Martins da Silva Gonçalves, Hellen Rodrigues Batista, Iris Marques

"Esse filme retrata a vida de mulheres negras mães, lavadeiras e trabalhadoras domésticas que tecem suas escrituras com suas memórias individuais, que são singulares, mas são também coletivas"

Patricio de Oliveira, Ivonete Nunes Rodrigues dos Santos, Magna Marques de Jesus Oliveira, Maria Gorete dos Santos, Maria José de Souza, Mary France de Deus, Neide Rafael, Neusa das Dores Pereira, Rosângela Rodrigues Batista e torna possível erguer tantas outras vozes-mulheres e assim ressoar o eco da vida-liberdade como nos ensina a poética de Conceição Evaristo (2017, p. 25) “reamanhecendo esperanças em nós” (2017, p. 13) com dignidade e amor.



Arquivo pessoal

*Sou Andreia Teixeira Ramos, capixaba, nascida na Ilha de Vitória, tenho 47 anos, filha da Dona Maria de Lourdes e do Seu Ancelmo. Mãe da Maria Luiza e companheira do Soler. Atuo como professora do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Prolind) da Universidade Federal do Espírito Santo. Sou Mestra em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Pós-doc pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O monstro quer sua atenção

Por que ver

O cineasta estadunidense se destacou ao trazer críticas raciais e sociais de forma precisa em seus filmes de horror

Por Sancler Ebert*



Divulgação

Não, não olhe (NOPE, Jordan Peele, 2022) que estreou em agosto nos cinemas brasileiros, chegou em meio a expectativas. Os trailers não mostravam muito e nem precisavam. O nome do diretor bastava como chamariz ao público. Desde que lançou Corra! (Get out, 2017), seu primeiro longa-metragem, Jordan Peele se tornou um dos principais nomes do entretenimento, produzindo filmes e séries vinculadas ao gênero do

horror e dirigindo outro sucesso de público e crítica, Nós (Us, 2019). O cineasta estadunidense se destacou ao trazer críticas raciais e sociais de forma precisa em seus filmes. Se em Corra! a questão racial era o centro e, em Nós era a desigualdade social, em Não, não olhe Peele direciona sua atenção ao espetáculo. Na trama, os irmãos OJ (Daniel Kaluuya) e Emerald (Keke Palmer) estão lidando com a perda repentina do pai

Otis (Keith David) e com a situação financeira alarmante do rancho que a família possui e que é especializada no treinamento de cavalos para o uso em sets de filmagens. Os dois personagens passam a lidar com um mistério que parece rondar o céu da propriedade e pode estar ligado à morte do pai deles.

O grande tema do filme é o espetáculo, é o ver e o ser visto (vem daí o título brasileiro, que acerta

Reprodução



"Há uma busca por retrabalhar as imagens ícones do western agora com a presença do homem negro como protagonista."

nesta intenção, mas perde a graça e crítica por trás da palavra “nope” repetida pelos personagens negros que negam se tornarem vítimas). O cineasta combina OVNI’s com monstros como uma metáfora do mundo do espetáculo e por tabela, de Hollywood. O monstro em formato de nave espacial que vai mudando de forma para chamar a atenção, que engole a tudo e todos que o encara, representa o espetáculo. Sempre atraindo todos para si, para em seguida os moer e os processar. Peele está discutindo como produzir entretenimento sem ser engolido por ele, como criar obras espetaculares sem extrapolar as linhas éticas e morais, como consumir sem ser

consumido. Essa é uma discussão não apenas para quem produz, mas também para quem consome. Basta pensarmos como programas televisivos sensacionalistas possuem grande audiência, como imagens impactantes viralizam na internet ou como nos deixamos ficar presos por horas em frente a uma TV e/ou smartphone consumindo conteúdos de entretenimento em streamings e/ou redes sociais.



Arquivo pessoal

*Professor dos cursos de Comunicação do Centro Universitário FMU/FIAM-FAAM, secretário executivo da Sociedade de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine-UFF).

Gal Costa

e as vozes negras brasileiras

Por Bruno Cavalcanti*



Divulgação

A abrupta saída de cena de Gal Costa em novembro, aos 77 anos, foi um choque não só no mercado da música, mas no cenário cultural de um Brasil que, combalido, não estava pronto para perder a última de suas grandes cantoras. Ainda que seja um país profícuo em vozes, poucas foram tão dinâmicas, fortes, elásticas e marcantes quanto a do trio Elza Soares, Elis Regina e Gal Costa, que, sim, beberam da fonte de Ângela Maria, Dalva de Oliveira e Elizeth Cardoso, mas filtram em seu canto João Gilberto, Carmen Miranda e o trio de ouro norte americano: Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e Billie Holiday. Exaltada como a grande cantora que sempre foi, Elza Soares saiu de cena consagrada após viver como uma fênix por toda a sua história. Eleita como a cantora do milênio pela BBC de Londres, Elza se reinventou para

permanecer não apenas relevante, mas existente no mercado fonográfico. Produziu então álbuns como “Do Cóccix até o Pescoço” e “Vivo Feliz”, tão históricos quanto apagados na (curta) memória da cultura jovem pelo também excelente “A Mulher do Fim do Mundo”, que rendeu frutos, como o expressivo “Deus é Mulher” e o desgastado “Planeta Fome”, título derradeiro de uma discografia espaçada que sofreu com o racismo e o machismo de um mercado que não quis proteger sua maior cantora. Gal Costa, morta apenas onze meses após Elza, não enfrentou as mesmas dificuldades por motivos óbvios: branca e sempre dentro dos padrões exigidos pelo mercado, do qual teve o aval através de nomes como Guilherme Araújo e André Midani. Contudo, nem por isso a figura de Gal Costa se descolou das pautas sociais,

implementando a negritude em seu canto e em sua obra. A influência vinha, claro, do Gantois, terreiro do qual era devota.

Celebrada pelo público jovem que redescobriu as belezas do disco de vinil, a discografia construída pela cantora ao longo da década de 1970 é a que mais bebe da música negra brasileira e da contracultura dos Panteras Negras, nos Estados Unidos. O que hoje é lido como apropriação cultural, no final da década de 1960 era a aglutinação antropofágica dos modernistas, dos quais os tropicalistas foram devotos. A negritude do canto de Gal, inspirada por Ella Fitzgerald e Sarah Vaughan, especialmente, ainda demoraria a surgir (como quando decidiu gravar uma versão em português de “Solitude”, o standart do repertório de Billie Holiday, em 1977), mas sua atitude na clássica exibição do Festival da Canção, quando defendeu “Divino, Maravilhoso”, mostrava que a cantora buscava estabelecer diálogos com a estética e, mais tarde, com a luta que ainda não havia chegado aos trópicos. E assim, ao longo de sua discografia, prestou homenagens a Jackson do Pandeiro (ao gravar “Sebastiana”, primeiro sucesso do cantor paraibano), Jorge Ben Jor, além de dar voz a compositores como Luiz Melodia e Djavan e recuperar a obra do sambista Ismael Silva (alçado ao panteão dos grandes compositores graças à regravação da cantora

para “Antonico”, em seu álbum “Fa-Tal Gal a Todo Vapor”). Melodia, principalmente, teve sua carreira chancelada pela cantora ao ter nada menos do que três canções lançadas na voz de Gal, e todas com status de clássicos instantâneos: “Pérola Negra” (1971), “Presente Cotidiano” (1973) e “Juventude Transviada” (1979).

Assim foram também Djavan, com “Azul” (1980), “Açaí” (1981), “Topázio” (1983), “O Vento” (1987), entre as que compuseram o álbum “O Sorriso do Gato de Alice”, de 1993, dividido entre quatro compositores, dentre os quais, três negros: Jorge Ben Jor, Gilberto Gil e Djavan, além de Caetano Veloso.

Mas foi em 1990, com o lançamento do álbum “Plural”, que Gal levou a negritude baiana para seu som de modo a pôr os tambores de crioula em destaque e colocar a cultura baiana, ancestralmente preta, em primeiro plano. Sob a direção musical de Waly Salomão, “Plural” levou os standards do jazz americano ao recôncavo baiano, celebrou o “Cabelo” afro de Jorge Ben Jor, e abriu caminho para que a voz da artista se universalizasse. Fosse em seu disco seguinte, “Gal”,



Divulgação



Divulgação



Divulgação

um registro em estúdio do show, ainda sob as influências negras da “Saudação aos Povos Africanos” (Mãe Menininha do Gantois), da cantiga “Indígena” (tema do candomblé de domínio público), da “Revolta Olodum” ((José Olissan e Domingos

Sérgio), das “Cordas de Aço” de Cartola” e da “Comundá”, de Gilberto Gil.

De Gil, inclusive, é impossível dissociar a obra à voz da cantora, assim como, de forma menos óbvia, é impossível não associar a voz da baiana à obra de Milton Nascimento, de quem gravou títulos como “Me Faz Bem”, “Quem Perguntou por Mim”, “Dez Anjos”, “Cravo e Canela”, “Solar”, “Fé Cega, Faca Amolada” e uma sucessão de outras canções que inspiraram seu último show, “As Várias Pontas de uma Estrela”, dedicado à obra do carioca.

Ao longo dos anos, a obra da artista se abriu ainda mais para compositores negros, fossem brasileiros como Emicida, Seu Jorge e Criolo, e mesmo além-mar, como o congolês Lokua Kanza, mostrando que, de forma sucessiva, a negritude esteve

intrinsecamente presente na obra e na voz de Gal, mesmo que isso não fosse uma pauta em discussão.



Arquivo Pessoal

* Bruno Cavalcanti - Jornalista, egresso da FIAM-FAAM. Trabalha como crítico de teatro no jornal Folha de São Paulo.

Marina Lima em 5 décadas

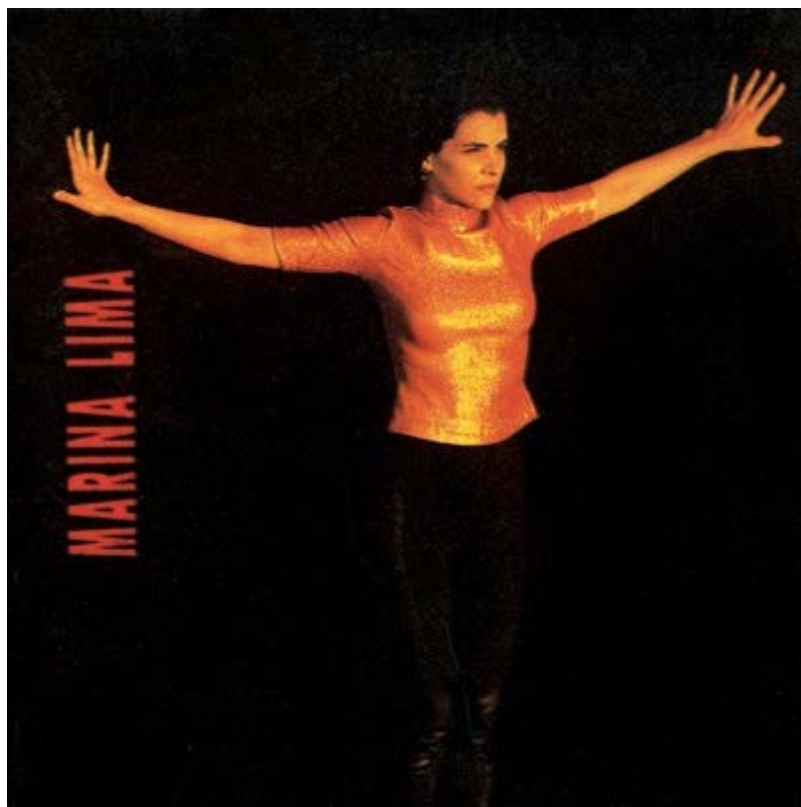
Por Renato Gonçalves Ferreira Filho*

Poucos artistas conseguem ocupar um lugar único na trajetória da música popular brasileira como faz Marina Lima, cantora, compositora e instrumentista carioca que confunde até os dias atuais aqueles que tentam encaixá-la na MPB, no rock ou no pop nacional.

Em termos artísticos, a extensa obra de Marina é ambiciosa e única. Desde a sua estreia, em 1979, a artista buscou elaborar uma sonoridade própria, bebendo de diferentes fontes, da bossa nova à música negra norte-americana, passando pelo rock e pop internacionais. Porém, ainda que possa ser inclassificável, a artista acumula diversos hits que são tocados até os dias atuais na rádio, em festas e em playlists, mostrando uma vocação pop que lhe é própria.

Prova da assinatura musical e da verve popular de Marina Lima é que, em 2021, a artista, generosamente, disponibilizou gratuitamente toda a sua obra transcrita para piano, voz e violão, para que músicos iniciantes e profissionais possam tocar suas canções (no e-book Marina Lima Música e Letra). Além das várias composições autorais, a artista transcreveu as interpretações que ela fez de canções de outros compositores, destacando a sua autoria também enquanto uma arranjadora e produtora autoral.

A seguir, destacamos 5 discos que



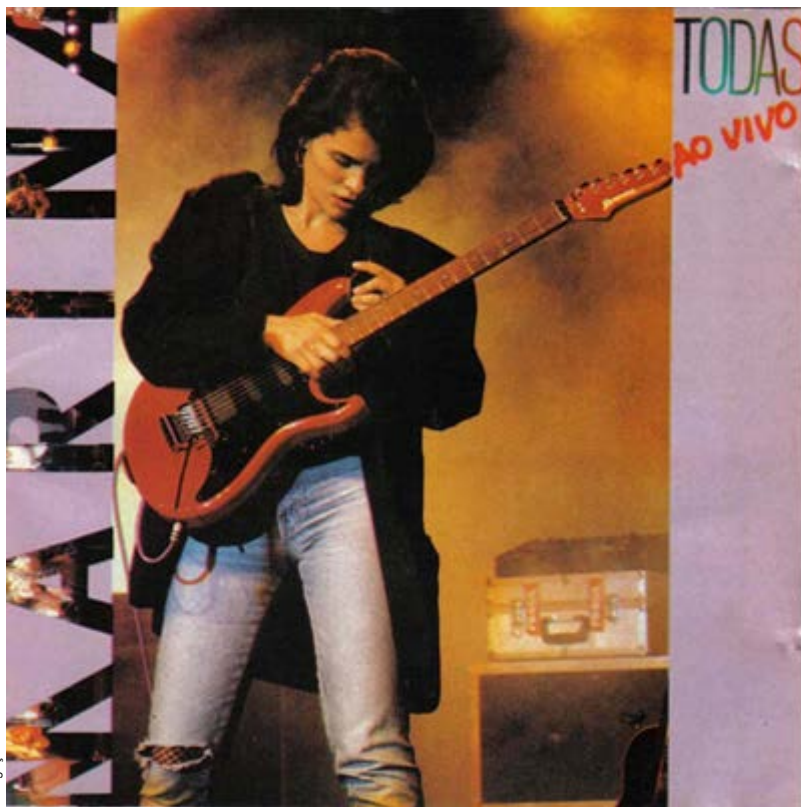
Divulgação

sintetizam bem a sua trajetória e apresentamos alguns dos seus principais traços autorais.

Todas ao vivo, 1986

Sexto disco lançado pela artista, Todas ao vivo sintetiza bem o trabalho pop que Marina desenvolveu na década de 1980, período em que ganha os holofotes. Registro ao vivo

do show que fez com o repertório dos discos anteriores, Fullgás (1984) e Todas (1985), o disco mescla composições autorais com o irmão, o imortal da Academia Brasileira de Letras Antonio Cicero, e uma seleção de canções do incipiente pop rock nacional oitentista. Três canções se destacam: as autorais “Pra começar” e “Fullgás” (parcerias de Marina com



Divulgação

Antonio Cicero); e “Eu te amo você”, de Kiko Zambianchi, uma das estrelas do pop nacional daquele momento.

Marina Lima, 1991

Após uma temporada em São Paulo estudando guitarra, Marina Lima adentrou a década de 1990 com um disco em que passou a assinar com o seu sobrenome (até então, seu nome artístico era apenas “Marina”). Os destaques ficam para “Grávida”, composta em parceria com Arnaldo Antunes, que, a partir da melodia criada por Marina, criou letra extremamente ousada, indo no caminho oposto da feminilidade sugerida pelo título; “Acontecimentos”, balada romântica e radiofônica composta em parceria com Antonio Cicero que ficou guardada por anos até entrar no disco de última hora; e “Criança”, assinada apenas por Marina, que é um flerte deliciosamente swingado.

Lá nos primórdios, 2006

Gravado a partir do repertório de show homônimo cuja temporada inaugurou o Auditório do Ibirapuera, Lá nos primórdios é um retrato das experimentações musicais de Marina, que trabalha muito bem com instrumentos acústicos e eletrônicos, cujos timbres direcionam a composição desde o início de sua criação musical. Três canções explicitam bem essa relação íntima com tais ferramentas musicais: “Três”, composta com Cicero, que é um tango funkeado, com uma base eletrônica visceral, que mescla o gênero argentino à batida do funk; “Valeu”, uma ciranda eletrônica; e “Anna Bella”, uma ode à postura libertária da artista plástica Anna Bella Geiger.

Clímax, 2011.

Marcando a mudança de Marina do Rio de Janeiro, onde sempre morou, para São Paulo, onde vive até hoje, Clímax apresenta um panorama autoral próprio, com uma sonoridade que reflete o skyline paulistano,

com sua aridez e sua beleza. Nele encontra-se “Não me venha mais com amor”, parceria bissexta com Adriana Calcanhotto, que versa sobre um desejo intenso entre duas mulheres. Enquanto “#SPFeelings” é uma típica bossa nova dedicada às paisagens fugidias da metrópole paulistana, “Lex” é uma homenagem a “Weird fishes”, canção da banda britânica Radiohead, tomando dela sua construção de arranjo em arpeggio.

Motim, 2021

Enxergando as novas dinâmicas de consumo da indústria musical, Marina, juntamente ao songbook, lançou um EP, formato fonográfico digital com 4 faixas. Como uma síntese das suas principais formas de composição, o disco abre com “Pelo apogeu”, registro somente de voz e violão, em que Marina narra poeticamente a sua trajetória, e é seguido por “Motim”, uma balada romântica, gênero que mais figurou em sua carreira. Para arrematar, estão “Kilimanjaro” e “Nóis”, composições baseadas na linguagem eletrônica.



Arquivo Pessoal

* Docente na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) no curso de graduação em Comunicação e Publicidade. Pós-doutorado (IEB-USP). Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Mestre em Filosofia (IEB-USP). Membro do GESC3 (Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo).

Quando acolher também é resistir

Por Laura Luz*



Arquivo pessoal

Eu sempre soube o tipo de jornalista que eu queria ser. O tipo de voz que eu gostaria de ter dentro do jornalismo. Eu queria contar histórias que ninguém escuta, que ninguém vê – não por estarem em locais difíceis demais de serem acessadas, mas por não terem sido valorizadas da forma que mereciam. Era o trabalho da jornalista Eliane Brum que me guiava na dura realidade que batia à porta de uma mulher periférica, mãe solo, bissexual e candomblecista.

Toda a minha história se deu em um contexto de luta. Foi no chão de terreiro que eu aprendi que os espaços de axé são – e sempre foram – espaços políticos, de acolhimento

e resistência, principalmente para o povo pobre, preto e LGBTQIA+. Foi nesse chão que eu me entendi enquanto uma pessoa livre para amar, livre para ser quem eu era, livre das amarras sociais e preconceitos.

Então, em um momento tão importante para a minha graduação, não tinha outro tema que pulsasse mais em mim do que esse: falar sobre como o Candomblé, essa religião tão historicamente marginalizada, enxerga e acolhe pessoas como eu, pessoas LGBTQIA+, também vilanizadas na história do Brasil.

O que será que o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo e a religião que mais sofre intolerância

religiosa no Brasil têm em comum? Será que todos encontram no axé o mesmo acolhimento que eu encontrei? De que forma as casas de santo estão se organizando para receber essa parcela da população?

AS VOZES

Com o tema definido, passei a me perguntar sobre como contar essa história. O Candomblé é cor, som, cheiro, uma experiência sensorial, então de que forma eu poderia transmitir isso para as pessoas? Ao avaliar que muitas pessoas sequer imaginam como é dentro de um terreiro, qual cara tem um barracão, como as pessoas se vestem, o que você encontra ao entrar em uma roça de santo, eu queria trazer imagens e vídeos que transportassem as pessoas para esse lugar. Por isso, escolhi uma grande reportagem digital. Durante esse processo, também pensei em quais vozes protagonizariam essa história. Para isso, dividi as pessoas ouvidas, as fontes, em três grupos: especialistas (historiadores, pesquisadores da religião, antropólogos); pais e mães de santo; pessoas LGBTQIA+ candomblecistas. As questões regionais também eram importantes para considerar, por isso fiz questão de ouvir também pessoas de outros estados, de diferentes idades e realidades.



Banca de TCC. Da esquerda para a direita: a profa. Cicelia Pincer, Orientador Gean Gonçalves, Laura Luz e filha e Pai Rodney William.

Para as fontes de São Paulo, as entrevistas foram presenciais, em seus próprios terreiros. Para as fontes de outros estados, as entrevistas foram online. Foram 24 pessoas entrevistadas, de quatro estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Maranhão. Foram 24 possibilidades de aprender, enxergar para além de mim, de vivenciar o Candomblé e de mergulhar em diversas histórias de vida.

Conheci cinco terreiros: o Templo de Oxalufã, o Ilê Omí Oya Àse Ògún Òmémén, o Ilê Axé de Iemanjá Ogunté, o Ilê Maroketu Àse Bàbá Nyfalayo e o Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá, todos da região metropolitana de São Paulo. Cinco universos que se unem em semelhança: o acolhimento.

A BANCA

Se durante a escrita do trabalho eu estive tranquila, foi nesse momento que a ansiedade começou a bater. Eu queria ter a certeza que eu honraria todas as histórias que foram confiadas a mim e os princípios e técnicas do jornalismo.

Eu queria que na minha banca estivessem pessoas que pudessem avaliar esse trabalho com sensibilidade, interesse e compreensão sobre as questões religiosas, de gênero e sexualidade.

Entre as idas aos terreiros, tive a honra de ser recebida pelo babalorixá,

antropólogo e doutor em Ciências Sociais, Pai Rodney William. O nome dele foi o primeiro que me veio à mente quando tive a opção de indicar um nome para a banca.

Ter um sacerdote, com todo arcabouço teórico e prático, seria um diferencial – ousado, como o próprio babalorixá ressaltou na avaliação, por chamar para banca alguém que também foi minha fonte, mas foi a prova da confiança que eu tinha no trabalho entregue.

Em sua avaliação, Pai Rodney pontuou sobre a importância de trazer o Candomblé e grupos minoritários em pauta para o ambiente acadêmico, ambiente esse negado para pessoas como nós. Afinal, não é possível falar no Brasil sem falar de Candomblé e de pessoas LGBTQIA+. Foi pelas mãos - e pelo sangue - dessas comunidades que o País foi construído.

Acreditei que o momento mais emocionante desse processo seria o da entrega do trabalho – o sentimento de dever cumprido – mas eu não contava com o quão especial seria ouvir da avaliadora professora Cicélia Pincer que eu havia superado quem mais me inspirava, a própria Eliane Brum, que a minha escrita e reportagem eram potentes e necessárias pela minha subjetividade, pelo lugar que eu vim.

Foi com a minha filha no colo, perante a minha família, com os

olhos marejados e o coração cheio de axé e felicidade que recebi minha aprovação com nota máxima e indicações para premiações.

Eu poderia dizer que meu processo de TCC foi sofrido, mas a verdade é que foi um prazer, uma honra. Foram meses de muito trabalho, organização, estudo e alegrias. Tive a honra e privilégio de conhecer pessoas que se apaixonaram pelo projeto, tanto quanto eu, e que estavam dispostas a abrirem suas vidas, a escancarar suas feridas, a compartilhar suas histórias de dor, superação, acolhimento - ou não - e de resistência.

Sou muito grata a todos que aceitaram embarcar nessa jornada comigo. Destaco em meus agradecimentos, o meu orientador, o professor Gean Oliveira Gonçalves, do curso de Jornalismo, que acreditou nesse projeto e que me incentivou a cada segundo.

Costumo dizer que no Candomblé aprendemos que a nossa vivência é coletiva. Por isso, eu digo que esse trabalho é nosso! É de todos os que vieram antes de mim, é de todos que construíram esse caminho para que eu e os meus pudéssemos passar. É para todos os que chegarão depois de mim e continuarão na luta pelo povo pobre, preto, candomblecista e LGBTQIA+.



* Jornalista graduada pelo FIAM-FAAM Centro Universitário. Gerente de comunicação na Fundação 1º de Maio. A reportagem completa está disponível em: reexistencia.my.canva.site.

O que é o Racismo Ambiental?

Por Cristiane da Costa Malta¹, Kailany Santos Coletto², Paula Christiani Alecio², Priscila Azevedo dos Santos¹, Rami Amanda Padua Melo¹, Rodrigo Viana de Oliveira Moraes¹, Elisangela Ronconi Rodrigues³



Reprodução/ Agência Brasil

O termo racismo ambiental é utilizado para se referir à forma desproporcional com que etnias vulnerabilizadas são expostas a uma condição de degradação ambiental (AGÊNCIA SENADO, 2022).

O termo é atribuído à Benjamin Chavis, líder afro-americano dos direitos civis que, em 1978, protestou contra indústrias que despejavam rejeitos tóxicos em Afton, na Carolina do Norte, cidade cuja população era composta por maioria negra e pobre. Ele estava chamando a atenção para um problema que também acontecia em outras localidades (FUENTES, 2021). No Brasil de 1888, a lei áurea aboliu a escravidão, porém sem qualquer suporte por parte do Estado aos escravizados supostamente libertos. Diga-se, supostos, pois sem sustentação, a única saída seria continuar trabalhando para

os senhores em troca de moradia e alimento e tentar adquirir qualquer mínima posse para ascender na sociedade. Assim, para conseguir lugar para morar, a saída foi ocupar as áreas mais afastadas da cidade que não possuíam infraestrutura adequada, formando o que hoje conhecemos como favelas, construídas em morros e locais de difícil acesso, com falta de equipamentos sociais justos, como saneamento básico, saúde, educação e moradia digna.

Mais de um século se passou e nas favelas atuais, 67% da população é negra, o que mostra que a configuração inicial perdura até os dias atuais, numa decisão do Estado em não exercer sua responsabilidade sobre os direitos do povo. Assim, podemos afirmar que no Brasil, o racismo ambiental é pautado através de uma necropolítica perversa, em um ciclo de injustiças constantes

(RANGEL, 2016).

A nossa história foi erguida em detrimento das minorias, que ocuparam as senzalas insalubres, em seguida se intoxicaram com a exploração dos minérios, viram a vida passar em plantações, para em seguida, serem excomungadas para os morros e condenadas a viverem na miséria e à margem da sociedade, expostas a maioria dos impactos ambientais gerados pelo “avanço” dessa mesma sociedade que os excluiu. Embora seja proclamado constitucionalmente que todos os seres humanos têm direito a um meio ambiente sadio, na prática vemos as comunidades mais vulneráveis sofrendo as maiores cargas dos danos causados ao meio ambiente, de forma direta ou indireta (ROCHA & VASCONCELOS, 2016). Quando o assunto são as comunidades



"O termo racismo ambiental é atribuído à Benjamin Chavis (foto), líder afro-americano dos direitos civis que, em 1978, protestou contra indústrias que despejavam rejeitos tóxicos em Afton, na Carolina do Norte (EUA)."

indígenas, ainda existe o problema, especialmente na região amazônica, relacionados a invasões de território por madeireiros e mineradores ilegais. O Brasil registrou em 2021, 305 casos de invasão, exploração ilegal e danos a 226 terras indígenas. Esse número representa um aumento de 180% em relação aos números de 2018. Quanto a população negra, mesmo sendo maioria em quantidade, é mantida como minoria social e é fortemente afligida pelo racismo estrutural que permanece na sociedade. Muitas situações são tão recorrentes e embutidas no dia a dia que não são associadas ao racismo estrutural/ambiental, como problemas respiratórios, problemas de pele e doenças cardíacas. De acordo com os dados do novo módulo do Portal da Transparência, o crescimento de mortes por doenças respiratórias foi cerca de três vezes maior para a população negra do que para brancos durante a pandemia de coronavírus que teve início no Brasil em 2020. Além disso, o racismo ambiental também pode afetar negativamente o bem-estar mental das pessoas, causando ansiedade, depressão e estresse e levar à exclusão social e à marginalização das pessoas afetadas, como é o caso de acesso a absorventes higiênicos, onde 1 em

cada 4 mulheres não tem acesso a eles e, utilizam como alternativa para o período menstrual meios como papelão, miolo de pão, meias velhas e até sacolas plásticas, estando expostas assim a diversas infecções e doenças.

A poluição do ar, presente principalmente nas grandes cidades, afeta desproporcionalmente a saúde das pessoas negras, especialmente pela ausência de áreas públicas com vegetação, diminuindo assim, a qualidade de vida e a qualidade do ar dos bairros onde vivem além de representar menor acesso as áreas de lazer. Há também mais cuidado em relação à gestão dos parques localizados em áreas valorizadas e de alto valor econômico em comparação aos parques localizados nos bairros populares, onde não são destinados investimentos à sua manutenção e eles acabam abandonados, tornando-se espaços pouco seguros para a população usufruir.

Atualmente, quando pensamos no cenário de risco devido as mudanças climáticas globais, há uma passividade do Estado em garantir os direitos das populações. Em seu trabalho sobre Riscos Climáticos e Racismo Ambiental, Jesus (2021), exemplifica com clareza através dos registros em noticiários, como a população das comunidades periféricas, favelas, territórios quilombolas e aldeias indígenas é vista como culpada em morar nessas regiões de risco, e o Estado age como se estivesse fazendo um favor ao oferecer “ajuda” após os eventos de chuvas, sem qualquer planejamento anterior aos eventos e sem considerar que após os acontecimentos, não há saída a não ser voltar a morar nos mesmos locais.

As mudanças climáticas não escolhem os afetados, mas um governo passivo em garantia de direitos à população negra frente à população branca e elitizada, configura racismo climático. O Estado determina em Constituição que todos são iguais perante a lei, mas ele mesmo determina diferenciação

no tratamento aos mais afetados pelo clima. Essa disparidade é histórica e precisa de uma reparação justa, que coloque como foco aqueles que não obtiveram o acesso ao que é seu por direito e garantido por lei.

Portanto, a pauta ambiental e a pauta racial estão diretamente atreladas. A luta contra o racismo ambiental é um importante objetivo do movimento ambientalista, pois, para se garantir cidades mais sustentáveis e inclusivas, é preciso lutar contra o racismo e contra as desigualdades sociais, pois só haverá sustentabilidade se for para todos.

Referências:

AGÊNCIA SENADO. Negros e indígenas são os mais afetados por catástrofes ambientais, aponta debate. Agência Senado, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/27/negros-e-indigenas-saos-mais-afetados-por-catastrofes-ambientais-aponta-debate> Acesso em 15/10/2022.

FUENTES, P. Racismo ambiental é uma realidade que atinge populações vulnerabilizadas. 09.11.2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-e-indigenas-e-uma-realidade-que-atinge-populacoes-vulnerabilizadas/>> Acesso em 26/10/2022

JESUS, D. S. RISCOS CLIMÁTICOS E RACISMO AMBIENTAL: ANÁLISE DOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS. 2021. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal da Bahia Instituto de Geociências, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34687> Acesso em 30/10/2022.

RANGEL, T. L. V. Racismo ambiental às comunidades quilombolas. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, v. 2016, n. 7, p. 129-141, 2016. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/393> Acesso em 30/10/2022.

ROCHA, J. S. VASCONCELOS; P. E. A. Racismo Ambiental. Revista Jurídica Direito, Sociedade e Justiça, n. 1, Mar.-Jun./2018, Suplemento Especial, Resumos Expandidos, 3a Mostra Científica, 2017 – UEMS Dourados/MS, n. 338, v. 6, p.337-340, 2016. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/RJDSJ/article/view/2294> Acesso em 30/10/2022.

¹ Bacharel em Engenharia Ambiental e Sanitária pelo Centro Universitário FMU; ² Graduanda em Engenharia Ambiental e Sanitária no Centro Universitário FMU; ³ Docente do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária do Centro Universitário FMU.

As múltiplas perspectivas da jornada do herói

Por Jheniffer Lourenço*

Há diversas maneiras de se analisar uma obra cinematográfica. Por exemplo, conseguimos fazer análises desde os objetos escolhidos para tal cena, como também sobre a cena num todo. Tais análises são importantíssimas para entendermos as escolhas feitas para a obra e o que elas podem significar. Entendendo que em tudo há uma narrativa por trás, conseguimos perceber que cada objeto, cada detalhe, cada personagem, cada escolha feita tem seu objetivo e sua narrativa. Com isso em mente, tentamos entender os caminhos escolhidos para a criação do filme *Besouro* (2009), dirigido por João Daniel Tikhomiroff. Na análise apresentada na pesquisa, abordamos questões como a adaptação da obra literária *Feijoada no Paraíso: a saga de Besouro, o capoeira* (2002), de Marco Carvalho, para o filme *Besouro* e as escolhas feitas pelo diretor do filme. E também abordamos o livro *A Jornada do Escritor: Estrutura mítica para escritores* (2015), e um artigo do teórico David Bordwell, com o objetivo de notar a estrutura filmica. Temos como foco central entender a *Jornada do Herói* e seus arquétipos (Christopher Vogler), em comparação com o que é apresentado no filme, pensando em suas passagens e nos desafios encontrados pelos personagens principais. Além

do mais, refletimos sobre como a *Jornada do Herói* e o cinema clássico hollywoodiano são original e essencialmente protagonizados por personagens brancos, e como essa lógica é aplicada quando temos uma história do povo preto, a partir de suas características e vivências apresentadas, mas ainda assim contadas por brancos. E além de pensarmos nessa lógica, partimos para uma análise importante da pesquisa que é a reflexão da questão racial e os resquícios da escravidão que são um dos focos do filme. Para entendermos um pouco melhor sobre do que se trata essa obra filmica, ela aborda a jornada do capoeirista *Besouro*, que recebe a missão de seu mestre Alípio de proteger seu povo do coronel da cidade de Santo Amaro. Além de *Besouro*, acompanhamos as jornadas de outros personagens relevantes para a história, sendo eles *Quero-Quero*, *Dinorá* e *Chico*, que também precisam enfrentar os ataques do coronel. A trama mostra a resistência do povo aos ataques e a constante exploração, trazendo à tona a importância da capoeira para o povo, da sua religião e a proteção de seus Orixás. O filme traz um aspecto muito forte da cultura afro-brasileira e aborda questões muito presentes pós-abolição da escravidão, como a proibição da capoeira e da prática das

religiões de matriz africana, além de trazer a questão do racismo e dos resquícios da escravidão. Outro ponto muito presente no filme que tem grande relação junto aos personagens principais são os Orixás, os quais são apresentados de forma deslumbrante e única, devido à sua importância para a população, no enredo filmico. Para abordarmos as questões raciais presentes no filme e até em sua produção, foi utilizado como base o livro *O que é racismo estrutural?* (2019), de Silvio Almeida. E antes de entrarmos na essência dessa análise, foi explicado de forma mais detalhada o que seria o racismo individualista, racismo institucional e racismo estrutural, conforme o livro de Almeida. Resumindo essas três concepções, o racismo individualista se refere a um ou mais atos de um indivíduo ou grupo contra minorias étnicas raciais. O racismo institucional é algo maior que o racismo individualista, que não se refere apenas a um ato individual de uma pessoa ou de um grupo, mas sim algo que está inserido nas instituições como o Estado e a Igreja. O racismo estrutural é o que está enraizado em nossa sociedade, então as instituições não criam essa estrutura racista, mas a sustenta. Além de entendermos as concepções do autor do livro, também pegamos



Divulgação

cada conceito e damos um exemplo com base em alguma cena que se passa no filme *Besouro*. Pensando nesses conceitos e realizando as análises do filme, entendemos que ele se baseia na concepção de racismo estrutural.

Temos diversas cenas que retratam o racismo no filme, que é muito presente também na forma sobre como eram tratados os trabalhadores após a abolição da escravidão, que por muitas vezes temos a sensação de que a ela apenas ocorreu no papel, e não na realidade, pois as semelhanças do trabalho escravo e do trabalho pós-escravidão eram absurdas na obra.

Na pesquisa, foi aprofundado com mais detalhes a construção fílmica pensando no desenvolvimento do enredo e dos personagens com base na *Jornada do Herói*, que é uma estrutura criada para ser seguida por personagens homens brancos heterossexuais. Também foi analisada a diferença entre filme e livro e suas semelhanças.

E refletimos sobre a questão da produção por trás das câmeras, que é realizada por uma equipe majoritariamente branca, mas que no filme é sobre a história e vivência do povo preto. Ao analisarmos a obra *Besouro* vemos o quanto ela segue a *Jornada do Herói* e ao mesmo tempo foge um pouco dessa sua narrativa nos momentos em que mostra cenas mais realistas não tão confortáveis para as pessoas que carregam essa história em sua pele. Também vemos que essa narrativa baseada na *Jornada do Herói* não é seguida de forma rigorosa porque ela é usada para contar a história do povo preto, sendo que esse formato é criado para ser utilizado para contar histórias de pessoas brancas ou com um protagonismo branco. Mas ao mesmo tempo essa narrativa é seguida quando temos os arquétipos se repetindo, como no caso da companheira do personagem principal, a Dinorá, que tem mais foco nas cenas amorosas do casal,

sendo que a personagem traz mais que isso.



Arquivo pessoal

*Formada em Produção Audiovisual, começou sua trajetória artística aos 16 anos no teatro. Durante a formação no audiovisual desenvolveu a *Iniciação Científica* "As múltiplas perspectivas da jornada do herói a partir da análise fílmica de *Besouro* (2009)" e foi diretora do documentário "As Vertentes do Skate".

Como a docência transformou minhas referências – e a mim mesmo

Por Manuel Fabrício*

Como professor de Artes Visuais da FMU FIAM FAAM há quatro anos, percebo inquietações diversas dos alunos. Elas exigiram de mim uma ampliação de leituras e compreensões de realidades diferentes das que eu vivia no mundo acadêmico. Eram jovens de diferentes lugares da cidade, sobretudo de bairros periféricos, e oriundos de famílias que, até então, não tinham curso universitário. Compunham, assim, a primeira geração com acesso ao ensino superior. No meu primeiro semestre como docente, em 2018, o ambiente era vibrante, estimulante e desafiador. Muitos desses alunos estavam em processo de autorreconhecimento, estimulados pelo contato com novos saberes que circulam na universidade. Eram mulheres, negras, indígenas, pessoas trans não binárias, jovens gays, lésbicas, bissexuais etc., todas se entendendo parte de uma sociedade marcada pelo desequilíbrio social, pela discriminação racial, de gênero, de classe e de outros marcadores sociais. Elas mostravam-se inquietas, contestadoras e ávidas por expressarem suas visões de

mundo e por ocuparem seus lugares em uma sociedade que, recentemente começava a passar por mudanças estruturais.

Não era à toa: havia um sentimento comum de que o tempo urge. Mesmo para mim, começando na profissão, já notava a necessidade de tocar em frente enquanto a situação vai se definindo. Tomei muitos sustos pela exigência em lidar com demandas sem ter muita noção de onde encontrar aquelas respostas. Isso me fez abrir todas as portas que estavam ao meu alcance – as ideias de pessoas que estavam produzindo conhecimento na contramão do hegemônico.

Esse processo foi impactante, porque além de me alimentar com novas perspectivas, me colocando novamente diante de um Manuel que vivia se perguntando pelo motivo pelo qual se sentia deslocado na vida, também encontrei explicações nessas leituras. Não foi à toa: grande parte do meu incômodo existencial estava na minha própria experiência como um homem não heterossexual e que, por isso mesmo, precisou enfrentar muita violência em sua trajetória

escolar. NA FMU FIAM FAAM, eu já entrava na sala de aula me apresentando desse jeito, o que definia muito das relações com os alunos e derrubava barreiras, ao mesmo tempo que criava expectativas.

Eu também já sabia que lidaria com turmas mais contestadoras, muitas delas politizadas, integrantes de movimentos sociais ou coletivos identitários. Eu estava aberto a escutar. Quando percebi que queria justamente estar contato com aquelas jovens pessoas, descobrindo nas artes e na academia espaços para existirem, resistirem e tornarem visíveis, entendi que não eram apenas as referências dos planos de ensino que precisavam mudar, mas as minhas próprias.

Foi amor à primeira vista – e muito porque eu gosto mesmo de desafios. A primeira coisa que eu fiz foi reunir nomes que pudessem dar conta daquele ambiente. Trouxe para a sala de aula autores como Abdias Nascimento, Lelia Gonzales, Ailton Krenak, Davi Kopenawa Yanomami, Mãe Stella de Oxóssi, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Chimamanda

Ngozi Adichie, Kabengele Munanga, Daiara Tukano, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Viviane Vergueiro, João Silvério Trevisan, Sonia Guajajara, Darcy Ribeiro, Marilena Chauí, Lina Bo Bardi, Carolina Maria de Jesus, entre outras. Os nomes iam surgindo de forma errática, à medida em que íamos, eu e as turmas, criando laços e entendendo nossas buscas dentro da universidade.

Foi assim que consegui dar forma a uma ideia que há muito me atravessava: conhecer nossas histórias. Melhor: saber de nossa história. Não a que começou quando nasci, mas a que já existia antes de mim. Foi assim que a “memória” se tornou central em minhas aulas, sendo performance, arte ou construção de projetos.

Isso teve mais força quando orientei projetos de pesquisa – uma das coisas mais interessantes que fiz na faculdade – tanto em trabalhos de graduandos como em Iniciações Científicas dentro do Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade da FMU FIAM FAAM, o NUGE, que coordeno desde 2022.

Os trabalhos mais intrigantes e poderosos que ajudei a construir foram aqueles que mexeram com questões pessoais. Uma delas foi o trabalho do jovem artista visual Messias Souza, chamado A memória LGBT nos acervos domésticos: um estudo sobre a presença de pessoas marcadas pela experiência da racialização e da dissidência de gênero nos álbuns de família, em que ele coloca a sua homossexualidade e de outros membros da família em reflexão. Outro é o da artista Nathalia Lopes, que concluiu sua pesquisa retratando memórias de mulheres atravessadas por sabores, lembranças e tradições culinárias. Outro projeto marcante está nesta edição: Assentamento: a fotografia e o seu trato com a memória negra urbana, do artista Pedro Martins.

É preciso sempre encontrar sentido no que se faz. Na maioria das vezes ele não está evidente: precisa ser encontrado. É aqui que a experiência

de uma formação acadêmica, de ter sido treinado para pesquisar e produzir relatórios começa a ter uma função precisa na relação com a sala de aula. As ferramentas da investigação científica e artística são métodos para construirmos pontes entre nossas vivências pessoais, nossa experiência de estar no mundo, e aquilo que podemos definir como um interesse de estudo. É na multiplicidade que se encontram as ferramentas que dão sentido às nossas ações.

Na verdade, tenho admiração profunda pela profissão em si desde muito antes disso. Existe em mim uma memória afetiva com ela, já que minha mãe foi professora por quatro décadas e criou eu e meus irmãos enquanto lecionava. Lembro-me do início de cada ano, quando ela começava a preparar os materiais didáticos e eu a “ajudava” cortando, colando... O cheiro de cola e papel mimeografado são lembranças que perduram.

Foi por isso que me tornei um aluno atento. Na graduação, gostava tanto dos professores tradicionais quanto dos disruptivos desde que, claro, tivesse sentido. No entanto, o que mais me interessava era me sentir escutado. Mesmo sem prática discursiva ou habilidade para comunicar minhas ideias, era nos ambientes de acolhimento e escuta proporcionados por alguns docentes que encontrava estímulo para aprofundar minhas questões e reflexões. Essa busca também fez parte do período em que estive no Mestrado, em 2012, na UNESP, quando retornei para a vida universitária depois de quase uma década, e no Doutorado, que terminei em março de 2020.

Essa escuta permeia meu trabalho como professor atualmente.

Espero um dia conseguir escrever sobre todos os desafios e as potencialidades desse papel. Mais do que isso, ainda são muitas as transformações que eles causaram em mim como educador e como pessoa. Por enquanto, sigo com

alegria e excitação por encontrar mais projetos desafiadores. Afinal, mais do que respostas, meu ofício como professor tem me levado a definir novas perguntas que, por sua vez, conduzem a novos caminhos. Quem sabe um dia serão elas as cartografias de minha memória como um artista que se tornou um professor apaixonado.



Arquivo pessoal

* Sou ator, performer e professor. Possuo Doutorado e Mestrado em Artes Cênicas, Unesp. Bacharelado em interpretação teatral, pelo curso de Artes Cênicas da UEL (Universidade Estadual de Londrina). Leciono nos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais da FMU. Coordeno o NUGE (Núcleo de Estudos Gênero e Sexualidade). Pesquiso a aplicação de recursos de treinamentos vocal e corporal na formação de arte-educadores(as), atores, atrizes e performers. Interesse em estudos sobre gêneros e diversidade nas práticas de performances artísticas (dança, drag, performance arte, teatro etc.), voltados para o preparo de artistas e arte-educadores(as) lidarem com tais temas em suas práticas profissionais.

PARABÉNS

Nera conquista Selo na
categoria Transversalidade:



SELO MUNICIPAL DE
Direitos Humanos
e Diversidade
4ª Edição

O Reconhecimento aconteceu na
4ª Edição do prêmio, pela iniciativa
de desenvolver educação antirracista.

FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO

**FIAM
FAAM**
CENTRO UNIVERSITÁRIO



8M: Por mais vieses femininos

Mulheres no jornalismo de ciências, na perspectiva decolonial e no direito digital foram pautas do NERA em celebração à luta das mulheres

Por Redação NERA*
Edição: Gean Gonçalves

É importante criar espaços de escuta e de conversa para que possamos expandir nossos conhecimentos e aprender com outras referências, em especial, daquelas que sempre contaram com menos prestígio social, como a ótica das mulheres. Foi a partir dessa premissa que o Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA) promoveu em março de 2022, três eventos, que consistiam em rodas de conversas, protagonizadas por mulheres pesquisadoras sobre como é possível ampliar o viés feminino nas áreas de produção de saber, informação e direitos.

Com mediação da professora Maria Lucia da Silva, o "NERA Convida" tornou possível promover diálogos saudáveis que interseccionam gênero e raça no mês de visibilidade das demandas por equidade entre os sexos. Na ocasião, as convidadas foram a jornalista e doutoranda em Ciências da Comunicação Carla Tozô, a pesquisadora em Comunicação e Cultura na América Latina Andrea Rosendo e a advogada Marilene Afonso Carneiro, mestra em Direito da Sociedade da Informação pela FMU. Elas trouxeram como temáticas: "Mulheres no jornalismo da ciência"; "perspectiva decolonial e pensadoras afro-latinas: aportes

para uma educação antirracista" e "Direito digital e mundo V.U.C.A como fatores de inclusão na sociedade da informação", respectivamente.

Mulheres no jornalismo de ciências

A jornalista Carla Tozô, que é doutoranda em Ciências da Comunicação pela USP, baseou-se na pesquisa de doutorado que desenvolve para sua apresentação. De

NERA CONVIDA:
8M: LUTAS DAS MULHERES

MULHERES NO JORNALISMO DE CIÊNCIAS

TERÇA - 08 DE MARÇO DAS 17H30 ÀS 18H30

CARLA TÔZO
JORNALISTA, DOCENTE E DOUTORANDA EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM ECA USP

VALE 5H DE ATIVIDADES
ACESSE A PLATAFORMA ZOOM PELO QRCODE AO LADO

NERA FMU FIAM FAAM

início ela contou sobre a sua formação e um pouco de sua história enquanto mulher negra no jornalismo. Carla começou sua carreira em revistas femininas e desde lá se tornou mestre em comunicação em 2005, docente em ensino superior em 2007 e ingressou no doutorado no ano de 2020. Ela prosseguiu como a participação feminina no jornalismo científico foi ignorada por instituições e como a inclusão dessas profissionais tem se tornado cada vez mais necessária, principalmente, após a pandemia de Covid-19. Carla mencionou que o perfil do jornalista brasileiro mudou desde 2012, quando foi feita uma pesquisa sobre a questão, até o ano de atualização mais recente em 2021. A presença de pessoas negras aumentou de 23% para 30%, de acordo com levantamento da Universidade Federal de Santa Catarina. Para ela, trata-se de um reflexo direto de políticas afirmativas como cotas e programas de bolsas de estudos para incluir mais diversidade no ensino superior. Ao tratar das mulheres no jornalismo, mencionou nomes como de Maju Coutinho, Andrea Sadi e Flávia Lima. Na cobertura de Ciências, fez questão de mencionar a atuação da pesquisadora Graça Caldas e da jornalista Marluce Moura que criou a revista Pesquisa

Fapesp e desenvolveu o projeto “Ciência de rua”. Além de outras do segmento, como: Fabíola de Oliveira, Luiza Caires, Meghie Rodrigues, Mariana Varela, Claudia Collucci.

Decolonialidade e pensadoras afro-latinas.

Andréa Rosendo, jornalista, doutoranda e pesquisadora, contribuiu com uma reflexão sobre nomes femininos pouco valorizados e citados no meio acadêmico. Nomes estes, de mulheres negras, que por vezes foram fonte de inspiração e estudadas por homens, mas que hoje, eles são os citados como referências intelectuais. Quantas escritoras e pensadoras negras e latinoamericanas são trabalhadas, conhecidas e lidas nos espaços de educação? Com essa premissa, Rosendo fomenta a afro-latinidade, para que ela deixe de ser apagada historicamente. Uma história tão rica, pouco usufruída e subestimada. A intelectual brasileira Lélia Gonzalez é um desses nomes: sua produção intelectual é marcada pela mistura de saberes, abarcando filosofia, psicanálise e candomblé. Para que possamos defender a educação antirracista é necessário que se faça presente o conhecimento e potência de mulheres negras intelectuais que existiram e que ainda existem e acentuam no seu trabalho

intelectual compreensões das raízes e consequências do debate racial e colonial nas sociedades vigentes.

Direito digital e inclusão na sociedade da informação.

A última convidada na ocasião, a advogada Marilene Afonso também abordou seu tema de pesquisa, no caso, do mestrado em Direito da Sociedade da Informação, cursado na FMU. Ela abordou o conceito de mundo VUCA, sigla que significa volátil, incerto, complexo e ambíguo. Ao descrever e compreender o mundo dessa forma, ela propõe a criação de estratégias de transformação social. A convidada prosseguiu abordando a inclusão social e a importância de ter políticas públicas para poder incluir os “esquecidos”, que não são respeitados e têm seus direitos negados. Marilene partiu de princípios em documentos fundamentais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição do Brasil, para mostrar que a liberdade, a igualdade, a dignidade e os direitos em uma sociedade da informação precisam ser pensados frente às novas exigências dessas sociedades e do mercado global. As práticas de justiça, ao seu ver, necessitam do auxílio das novas tecnologias para a dissolução de seus conflitos e dilemas.

NERA CONVIDA:
8M: LUTAS DAS MULHERES

PERSPECTIVA DECOLONIAL E PENSADORAS AFRO-LATINAS: APORTES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA



ANDRÉA ROSENDO
JORNALISTA, DOUTORANDA E PESQUISADORA DE COMUNICAÇÃO E CULTURA NA AMÉRICA LATINA (PROLAM/USP). MESTRE EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM/UFPR)

TERÇA - 22 DE MARÇO
DAS 17H30 ÀS 18H30



VALE 5H DE ATIVIDADES
ACESSE A PLATAFORMA ZOOM
PELO QR CODE AO LADO





NERA CONVIDA:
8M: LUTAS DAS MULHERES

DIREITO DIGITAL E MUNDO V.U.C.A. COMO FATORES DE INCLUSÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO



MARILENE AFONSO CARNEIRO
MESTRE EM DIREITO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO PELAS FACULDADES METROPOLITANAS (FMU)

TERÇA - 29 DE MARÇO
DAS 17H30 ÀS 18H30



VALE 5H DE ATIVIDADES
ACESSE A PLATAFORMA ZOOM
PELO QR CODE AO LADO





Discurso de Ódio nas redes sociais

Reflexão sobre a desigualdade racial nas redes sociais parte do contexto formativo do Brasil

Por Redação NERA*
Edição: Gean Gonçalves

Para ampliar o debate sobre a educação antirracista nas mídias digitais, o Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA), em parceria com o Observatório de Discurso de Ódio nas Redes Sociais, do programa de Mestrado em Direito da FMU, promoveram uma aula aberta, onde o convidado foi o pesquisador brasileiro Luiz Valério Trindade, doutor em sociologia pela University Southampton (Inglaterra). A aula aconteceu no dia 19/05/22, na plataforma do Youtube da FMU, durante a programação de aniversário de sete anos de atividade do NERA, e contou com a mediação do coordenador do Observatório, professor Irineu Barreto, do coordenador do Mestrado, Ricardo Waldman, e da coordenadora do NERA, professora Maria Lúcia da Silva.

Trindade é pesquisador e docente em representação social de minorias étnicas em meios de comunicação de massa. Atua lecionando em diversas universidades no continente europeu, onde também desenvolve pesquisa. Em sua arguição, ele revisitou momentos da história do Brasil. Lembrou-nos do ensaio sobre mestiçagem, escrito pelo cientista e médico brasileiro João Batista de Lacerda (1846-1915), que viveu no Rio de Janeiro, e que afirmava a superioridade da branquitude

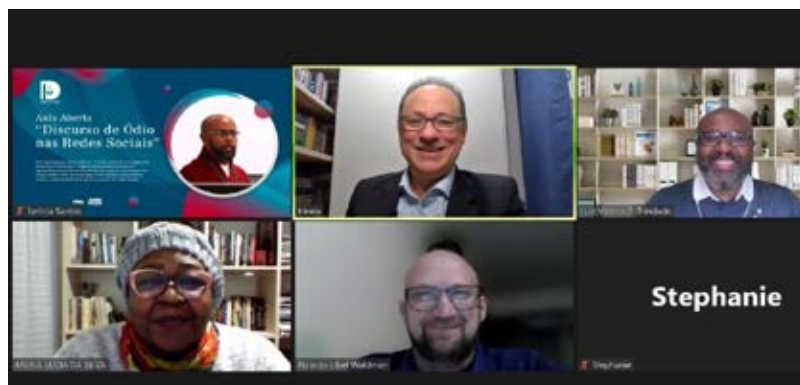
no Brasil. Lacerda, que foi diretor do Museu Nacional, durante a Primeira República, acreditava que, com a mistura de etnias, de forma prolongada, ocorreria a "redução étnica" da população negra, isto é, o seu completo desaparecimento. Viver-se-ia, então, nas décadas seguintes, em um Brasil constituído de pessoas brancas, excluindo-se de vez negros e pardos.

O professor Luiz Trindade partiu desse episódio, da mentalidade que fomentava o desenvolvimento de uma política aberta de exclusão dos negros e mestiços, para refletir como ela ainda afeta diretamente a população negra do país. Ele explicou que as consequências deste pensamento nos permeiam até hoje. Entre seus frutos, estão teorias sociais, como o mito da democracia racial. Com a expansão das redes digitais, discursividades

que subalternizam pessoas negras se fazem muito presentes. As agressões, chamadas de opinião ou de direito à liberdade de expressão, trazem o discurso histórico da superioridade branca de modo camuflado.

A estratégia comum entre quem propaga discurso de ódio é a de acusar de censura e perseguição política, tentando tirar o peso do racismo, que, no contexto brasileiro, é um crime contra a coletividade.

Por fim, o professor Luiz Trindade mencionou a importância de estudos aprofundados nas raízes contextuais e históricas do país. Assim, para ele, torna-se possível questionar e entender de onde partimos, por onde estamos caminhando e qual futuro antirracista almejamos para a sociedade brasileira, o que certamente passa pelos usos das redes digitais.



África e suas riquezas

NERA celebra o dia do continente africano

Por Redação NERA*
Edição: Gean Gonçalves

No 25 de maio se comemora o Dia Mundial de África. A data foi estabelecida em 1963, após 30 chefes de Estado africanos se reuniram para criar a Organização da Unidade Africana (OUA), chamada hoje de União Africana (UA), com 55 países membros, que visava na época oficializar a luta do continente contra o imperialismo e o apartheid. Com isso, o Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA) realizou duas palestras, nos dias 24 e 25 de maio, em prol da expansão da visibilidade de um continente tão importante para o patrimônio cultural e material da humanidade. Nas datas, estiveram presentes a professora Cintia Rolland, dos cursos de História e Geografia, doutora em egiptologia – ciência da religião do mundo antigo; e o psicólogo Igo Ribeiro, coordenador geral ANPSINEP – Articulação Nacional formada por Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) dedicadas(os) a estudos, ações e formações voltadas para o enfrentamento do racismo, a promoção de saúde mental e o bem viver da população negra brasileira. A professora Rolland tratou sobre “O Egito e o Brasil: o estudo do Egito Antigo a partir do Brasil”, e Ribeiro trouxe como temática a “Saúde mental de jovens negros e as vivências raciais na universidade”.

O primeiro debate colocou em foco como o Egito é um território africano, berço de uma civilização riquíssima, mas que, por conta do racismo, foi desvinculado da África contemporânea. Tratou-se, ainda, de como milhares de artefatos culturais foram levados do Egito pelos europeus, em especial pelos ingleses e franceses, o que tem gerado uma pressão pela devolução de obras de arte aos seus lugares de origem, já que sua retenção tem sido vista como perpetuação da violência colonialista. Já o segundo debate permitiu que os participantes compreendessem como a falta do debate sobre a população negra nas universidades faz adoecer os estudantes negros dentro das instituições de ensino superior. “Isso, por si só, no meu entendimento, na minha leitura, é um fator de adoecimento para quem está em formação. Principalmente para nós, estudantes e profissionais negras e negros, que nos vemos tão solitárias e solitários nessas instituições, onde a maioria é de pessoas brancas”, afirmou Ribeiro. Todavia, para Ribeiro, as políticas de cotas raciais, o ProUni (Programa Universidade Para Todos) e o ReUni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) foram ferramentas importantes para a inserção dessa

população dentro das universidades. “As políticas de ações afirmativas estão completando agora 10 anos e têm passado por diversas atualizações sofisticadas, inclusive pelas bancas de aferição”, de acordo com Ribeiro, para quem a realização de concursos sem bancas de heteroidentificação é deixar brecha para as fraudes no sistema.

NERA CONVIDA:

Saúde mental de jovens negros e as vivências raciais na universidade

 Coordenador geral do ANPSINEP, Psicólogo e Mestre em Psicologia e Sociologia pela UNESP. Professor colaborador na Especialização em Políticas Públicas, Infância, Juventude e Universidade da UNICAMP.

Igo Ribeiro

QUARTA - 25 DE MAIO
DAS 17H00 AS 18H00
SALA DE REUNIÕES
ACRIS E PLATAFORMA
200M PLAC 09 0308



DIA DE AFRICA

NERA CONVIDA:

O Egito e o Brasil: o estudo do Egito Antigo a partir do Brasil

 Bacharel em História pela Universidade de São Paulo, Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutora pela Ecole Française de Studies Egyptiennes - Paris, Pós-doutoranda pela Max Planck Institute, Professora em cursos de História, Geografia e Sociologia da UFPA, Membro da Cultura e Comissão do Museu dos Confluências (Lyon-França)

Cintia Rolland

TERÇA - 24 DE MAIO
DAS 17H00 AS 18H00
SALA DE REUNIÕES
ACRIS E PLATAFORMA
200M PLAC 09 0308



DIA DE AFRICA



**Tradição e qualidade na
sua formação acadêmica
com reconhecimento
máximo pelo MEC no
ensino presencial
e a distância.**

Com você, conquistamos
o recredenciamento
com **nota máxima.**

5 ★★★★★ **CONCEITO
MÁXIMO NO
MEC**

FMU

Novembro Negro

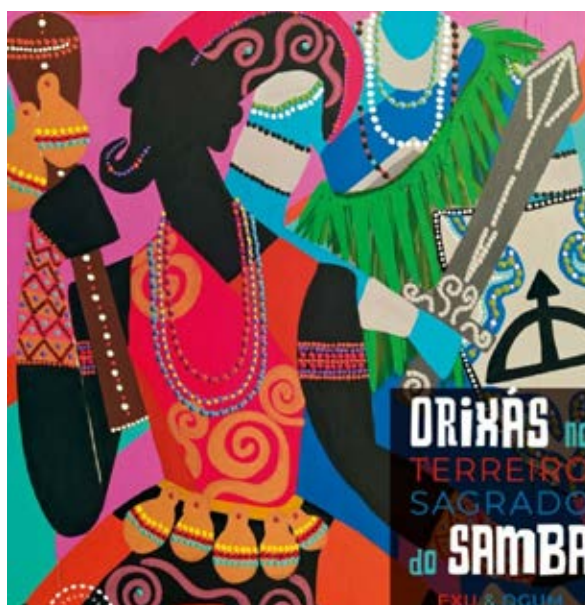
Vozes negras estiveram com o NERA para reforçar valor da cultura e da luta de pessoas pretas

Por Redação NERA*
Edição: Gean Gonçalves

Em 2022, na programação do mês da Consciência Negra, o NERA contou com a presença de alguns convidados, que ajudaram a ampliar o debate sobre racismo. A primeira convidada foi a jornalista e doutora em ciência da religião Claudia Alexandre. Ela tratou das ideias do livro *Orixás no Terreiro Sagrado do Samba: Exu e Ogum no candomblé da Vai-Vai* (Fundamentos de Axé, 2021). A obra é uma etnografia da agremiação paulistana, fundada em 1930, e teve lançamento na FLIP de 2022, a tradicional Festa Literária Internacional de Paraty.

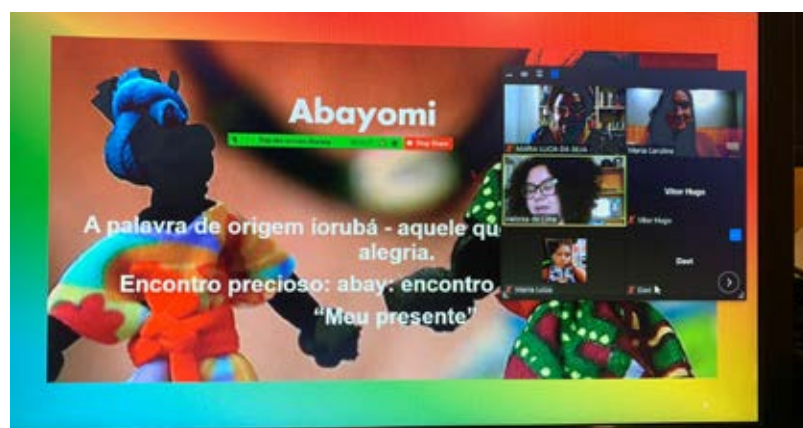
Aos estudantes da FMU | FIAM-FAAM, Claudia Alexandre falou sobre a ligação da escola de samba Vai-Vai com o candomblé, ambos com raízes negras. Para a escritora, a cosmovisão africana fundamenta o modo de ser da escola de samba, uma vez que sagrado e profano não se separam. Ela aponta ainda a negritude do Bixiga, bairro central de São Paulo, e a importância da escola como continuidade do Quilombo Saracura, que existiu ali no século 19. Durante as escavações para ampliação de linhas do metrô,

em 2022, o sítio arqueológico do quilombo foi encontrado sob o chão da agremiação e agora é alvo de mobilização popular, para que se nomeie o futuro espaço como Estação Saracura/Vai-Vai. Em síntese, Claudia Alexandre avalia que as escolas de samba e a religiosidade foram resistência ao racismo e que ambas nos permitem admirar uma cultura presente no modo de ser do brasileiro. Outro convidado muito especial foi o cientista social Celso Ricardo Monteiro. O professor da Escola de Educação da FMU foi convidado a



dialogar sobre a diferença conceitual entre classe social e racismo. Ele apontou que a pobreza no Brasil tem uma cor, ela é negra, mas que o conceito sociológico remete à divisão de grupos com mesma condição socioeconômica, ou seja, é predominantemente atrelado à renda e ao antagonismo entre burguesia e classe trabalhadora. No entanto, os economicamente menos favorecidos no país estão conectados às gerações de pessoas escravizadas, à população negra, que não foi reparada pelo trabalho forçado, pela condição degradante e pelas jornadas exaustivas. Para Monteiro, esse grupo vive a pobreza e está em sua maioria em condições precárias de habitação e em zonas de moradia periféricas. Tem sua força de trabalho tratada como não qualificada, para justificar salários mais baixos que outros grupos sociais. Outra forma de reprimir a população negra consiste em privar ou dificultar o acesso à saúde. O cientista social esclarece que filas de espera, ausência de atendimento especializado e uma medicina que não trata o paciente negro com respeito e dignidade são outros pontos importantes de debate, para que se possa reverter essa situação. O relações-públicas Marcus Bonfim foi o terceiro convidado

do NERA para participar dessa programação. Ministrou palestra sobre “Racismo no campo científico: mediação do conhecimento de pesquisadores negros”. A oficina de Abayomi encerrou a programação e foi ministrada pelas musicoterapeutas Maria Carolina dos Santos e Heloisa de Lima. As ações contribuíram com reflexões sobre educação antirracista.



Terças com Nera

Projeto de rodas de conversas trouxe diversos profissionais em prol da permanência e estímulo de estudantes negros

Por Redação NERA*
Edição: Gean Gonçalves

Entre as ações do NERA em 2022, o Terças com Nera ocupou parte da agenda com debates que aproximaram profissionais com uma perspectiva antirracista dos estudantes da FMU | FIAM FAAM. Sob a supervisão da professora Maria Lucia da Silva, da Escola de Comunicação, foram realizados quatro encontros sobre ações de permanência para estudantes negros e com o propósito de estimular uma educação antirracista. A permanência estudantil é um desafio que toda instituição de ensino se depara ao contemplar no corpo discente jovens universitários em situação de vulnerabilidade. Em encontros online, convidadas como Eloisa Gabriel dos Santos, do curso de Serviço Social; Tainah Negreiros, docente de Linguagem Audiovisual; Elisabete Pinto, coordenadora do Afro Presença; e Valdirene de Assis, procuradora do Ministério Público do Trabalho; abrilhantaram os encontros com a afirmação da necessidade do espaço negro em locais acadêmicos e no mercado

de trabalho, em suma, em todos os âmbitos da vida. As conversas se fizeram necessárias para entender como o corpo negro é visto em espaços onde quem ocupa os cargos de poder e liderança, são majoritariamente pessoas brancas. Espera-se assim que os estudantes possam se impor, ser ouvidos e respeitados em suas carreiras profissionais.

TERÇAS COM NERA:
Representação das mulheres no cinema brasileiro contemporâneo e reflexões para o futuro: Uma análise de *Café com Canela*, *Temporada e Aquarius*

**TERÇA - 19 DE ABRIL
DAS 17H30 AS 18H30**

VALE 5H DE ATIVIDADES
ACESSO A PLATAFORMA
ZOOM PELO QR CODE

Tainah Negreiros
Professora dos cursos de RTV e Jornalismo no FIAMFAAM, Pesquisadora da área de cinema com mestrado, doutorada pela USP e pós doutorada pela Université Laval.




TERÇAS COM NERA:
As categorias étnico-racial e de Gênero nos currículos dos cursos superiores

**TERÇA - 10 DE MAIO
DAS 17H30 AS 18H30**

VALE 5H DE ATIVIDADES
ACESSO A PLATAFORMA
ZOOM PELO QR CODE

Elisabete Pinto
Assistente Social, Mestre e doutora, Professora Associada I da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Coordenadora do NÚCLEO DE ESTUDOS GÊNERO, RAÇAS/ETNIA E GERAÇÃO (NEP-GREG), Integrante a Coordenação Acadêmica do Afro Presença.




TERÇAS COM NERA:
Trajetória da Mulher Negra na Vida Cotidiana

**TERÇA - 12 DE ABRIL
DAS 17H30 AS 18H30**

VALE 5H DE ATIVIDADES
ACESSO A PLATAFORMA
ZOOM PELO QR CODE

Eloisa Gabriel dos Santos
Mestre e Doutora em Serviço Social, Professora do curso de Serviço Social na FMU. Assistente Social na Prefeitura de Diadema/SP.




Comunicação antirracista como ferramenta de mudança social

12º Semana da Comunicação teve a participação da fundadora de uma das redes mais importantes na luta contra o racismo e a inclusão dos jornalistas negros no mercado de trabalho

Por Priscila Alves*
Edição: Vinicius Mendes

A 12ª Semana da Comunicação, realizada pelo centro universitário FIAM FAAM, terminou em grande estilo. Na última sexta-feira (28/10) os alunos tiveram o prazer de participar da palestra sobre “Comunicação antirracista como ferramenta social”, promovida pela jornalista, assessora de comunicação e coordenadora da Rede de Jornalistas Pretos (RJP), Marcelle Chagas. Mediado pela professora Maria Lúcia da Silva, o evento aconteceu remotamente e teve cerca de uma hora de duração.

Vale destacar, que contou com a presença de mais de 80 pessoas entre elas alunos, professores e também ex-alunos da universidade.

Marcelle iniciou contando um pouco sobre sua vasta experiência na área da comunicação, na qual já passou por assessoria de imprensa, repórter, além de produtora e apresentadora. Durante essa jornada enfrentou grandes desafios no mercado de trabalho, uma vez que teve que lidar de perto com machismo, preconceito, e com o racismo. Foi vivenciando e lutando contra esses males da sociedade que perdura por anos, que surgiu a inspiração e a motivação para criar a rede JP. A Rede de Jornalistas Pretos foi criada

em 2018 após as eleições. Uma das motivações para a criação da rede foi a rivalidade velada, observado pela própria Michelle, entre os negros quando inseridos no mercado de trabalho. Cabe ressaltar também que o combate contra a desinformação e o fortalecimento entre a população negra, foram essenciais para a criação da rede que hoje conta com mais de 180 pessoas. A coordenadora da Rede de Jornalistas Pretos destacou que um dos motivos das desigualdades no mercado de trabalho é a desconexão entre o jornalismo produzido e a realidade da sociedade,

uma vez que 86% dos jornalistas que atuam na área hoje são homens brancos. Atualmente a Rede promove empregabilidade para além de inserir negros, periféricos e indígenas no mercado, fazer com que se tenha espaços necessários para todos.

A rede desenvolve parcerias, eventos, bolsa de estudos, inclusive de inglês e muito mais.

A rede busca sempre fortalecer o jornalismo não somente no Brasil como também ao redor do mundo, através da perspectiva da população negra e periférica, através de parcerias com jornalistas africanos e europeus.

Vale ressaltar que entre os dias 19 e 20 de novembro a Rede de Jornalistas

Pretos promoveu a 2ª edição do encontro internacional de inovação e jornalismo sobre o tema “Por um jornalismo plural e sem fronteiras.” Nayara Fernandes, editora de engajamento do G1, é um dos nomes já confirmados do evento.

Por fim, Marcelle reforçou a importância dessa luta por espaços, voz ativa e da presença de jornalistas negros e periféricos no mercado.



* Estudante do 8º semestre de Jornalismo.

MEDIDA PROVISÓRIA Nº 1.140
27 DE OUTUBRO DE 2022



**ÇHEGA DE
ASSEĐIO SEXUAL!**

FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO

**FIAM
FAAM**
CENTRO UNIVERSITÁRIO

(Bem)medicina

Projeto criado dentro da FMU por profissionais de Biomedicina reforça relevância da ciência para crianças e adolescentes

Por Priscila Alves*
Edição: Vinícius Mendes

Impacto Social

A Biomedicina é uma das áreas mais importantes da saúde e, ainda sim, muita gente não a conhece bem. De forma sucinta, ela é responsável por uma parte mais analítica da medicina, ou seja, identificar e estudar micro-organismos responsáveis pelas enfermidades.

Além disso, profissionais dessa área produzem diagnósticos diversos, principalmente por meio de imagens, como para elucidar crimes (exame de corpo de delito) e manipular organismos para o desenvolvimento de medicamentos e vacinas.

A Biomedicina fica mais perto das pessoas em processos comuns, como exames de sangue e urina, que todo mundo já fez alguma vez na vida. Durante a pandemia de covid-19, nos dois anos passados, ela também foi determinante para ajudar na descoberta das mutações do coronavírus.

Para além de suas funções médicas, porém, a Biomedicina tem contribuído significativamente para conscientizar a sociedade, seja por meio de ações voluntárias, palestras ou projetos de desenvolvimento comunitário, tirando os profissionais dos laboratórios para colocá-los mais perto das pessoas.

É o caso do projeto “Biomédicos do Bem”, que teve início durante a pandemia por iniciativa da biomédica Rita Rodrigues – que também o implementou como extensão



(Ao centro) Coordenadora Charlotte Saenz com professores e alunos de Biomedicina durante atividade

educacional na FMU, onde ela leciona no curso de Biomedicina. Ela conta que foi justamente a partir do envolvimento de professores e alunos da instituição que a ideia saiu do papel. Hoje já são 30 pessoas que conformam o grupo, que é focado, principalmente, no desenvolvimento comunitário.

Uma das principais atuações do grupo é em torno da conscientização infantil e juvenil sobre a importância da ciência. Amanda Baccin, biomédica e docente da FMU que divide o trabalho de liderança do “Biomédicos

do Bem” com Rita Rodrigues, ressalta que o grupo tinha como meta mostrar como o conhecimento só é bem utilizado quando é compartilhado. “É gratificante quando entramos em contato com elas e vemos acender uma fagulha. Não só pelo conteúdo que estamos passando, mas por elas se verem em nós e descobrirem que também podem chegar lá”, conta.

“O nosso interesse é mudar realidades, plantando sementinhas que irão florescer e dar continuidade nisso”, completa Baccin. Além de Rita e Amanda, ainda estão



Arquivo Pessoal

na organização do projeto outras duas biomédicas: Renata Ruoco e Priscila Miotto. Atualmente, o curso de Biomedicina da FMU é coordenado pela biomédica Charlotte Saenz, que encabeça um grupo de 23 professores. A profissão começou a ser ensinada na instituição há duas décadas, com foco na preparação técnica, mas também na empatia e na proximidade com os pacientes. "Não é só um tubo. Não são apenas doze horas de plantão. Não é só colocar o meu jaleco, é lidar com os números. O profissional da saúde não trabalha com números, trabalha com pessoas", reflete Rita Rodrigues. Na perspectiva dela, o próprio nome do projeto já expressa o motivo dele ter vindo ao mundo: "biómedico" é a representação da conscientização do profissional, tanto do ponto de vista clínico quanto acadêmico, enquanto o adjetivo "do bem" reforça a humanização dos participantes e do projeto.

"Tudo é feito com muito amor, muita empatia, muito acolhimento e, principalmente, com muita equidade", explica ela.

O projeto realiza uma ação por mês com alunos e ex-alunos de vários cursos da FMU, como Odontologia, Estética e Veterinária, sempre em torno do reforço à ciência como prática fundamental da vida contemporânea.

É assim que surgiram ideias como um teatro em que os voluntários fazem simulações de como fazer a higienização correta das mãos, uma oficina de anatomia de química ou ainda uma conversa honesta sobre autocuidado e prevenção a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Em 2022, já foram realizadas cerca de 20 ações deste tipo.

Dentro da FMU, é claro, o projeto tem bastante repercussão, já que é uma maneira de desenvolver o senso comunitário e, ao mesmo tempo, dar experiência para os estudantes. É o que diz a ex-aluna Gabriela Marques Pereira, recém-formada em Biomedicina e uma das voluntárias do projeto. "Quando fui participar pela primeira vez, abriu um mundo para mim. A maneira que entramos em contato com as pessoas é muito legal", diz ela. Pereira se lembra, especialmente, de uma ação realizada na metade desse ano. "Em uma das oficinas nós fizemos a representação do corpo humano para as crianças da comunidade. Foi incrível".

Outra voluntária, Mylena de Souza Barsch, que está no sexto período do curso de Biomedicina, também revela que o contato que teve com as pessoas durante o projeto foi transformador. "Saber que você está mudando tanto pessoalmente quanto tecnicamente

na vida das pessoas é gratificante".

Para Rita Rodrigues, um dos diferenciais do "Biomédicos do bem" é justamente despertar esse tipo de sentido nos participantes. "Nós queremos levá-los para dentro da comunidade, mudá-las como pessoas à medida em que elas podem ver a realidade de outras".

O "Biomédicos do bem" está aberto para novas ideias e, claro, voluntários. Para fazer parte do grupo, o caminho é acessar as redes sociais do projeto e solicitar uma conversa com os organizadores. Eles com certeza vão adorar receber mais gente.

* Estudante do 8º semestre de Jornalismo

Cursos de Psicologia ainda não consideram o racismo como constituinte de subjetividades

Igo Ribeiro, psicólogo e coordenador geral da Articulação de Pessoas Negras na Psicologia fala sobre a importância do cuidado com a saúde mental dessas populações e da atuação antirracista na disciplina

Por Gabriela Perpétua e Wendy Gomes*
Edição: Vinícius Mendes



Arquivo pessoal

As preocupações diárias ou a velocidade do mundo afetam a saúde mental de populações inteiras, pessoas negras ainda vivem uma luta adicional: o racismo.

Não à toa, uma pesquisa feita em 2019 pelo Ministério da Saúde mostrou que jovens negros têm mais chance de cometerem suicídio no Brasil do que brancos.

O rapper Baco Exu do Blues é uma das vozes mais ativas nesse tema. Depois de entender que convívio com a depressão foi fruto de uma vida inteira passando por experiências racistas, ele começou a alertar outras pessoas sobre a importância desse debate. Suas canções falam de alguns desses episódios em tom de desabafo, mas também versam sobre autocuidado, autoestima e empoderamento negro.

A relevância de falar sobre o assunto permeia o trabalho de Igo Ribeiro, psicólogo que coordena a ANPSINEP (Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es)). O grupo é pioneiro em ações de enfrentamento ao racismo com foco nos impactos na saúde mental.

“A articulação nasceu em um contexto de urgência: quando a psicologia brasileira foi convocada a se reaver com o seu racismo”, contou ele nessa entrevista exclusiva à DUMELA.

Dumela: Como vocês perceberam a necessidade de uma articulação dos profissionais negros na psicologia?

Igo: A Psicologia foi regulamentada como profissão em 1962, em um contexto político pré-ditadura militar, em que o Brasil ainda não havia se resolvido factualmente com o seu racismo – que estrutura o Estado, as instituições públicas, as relações sociais e a subjetividade do povo brasileiro. Ao longo desse período, a psicologia, apesar de ter sido fundada também por profissionais, pensadoras e pensadores negros e negras, manteve a população negra invisibilizada.

Foi apenas em 2010 que aconteceu o primeiro encontro nacional de psicólogas negras e negros e pesquisadores das relações raciais e das subjetividades, no Instituto de Psicologia da USP. Foi ali que se percebeu a necessidade de formalizar um coletivo amplo de entidades negras dentro da área profissional. O instituto AMMA Psique e Negritude, o CEERT, duas instituições de São Paulo, e o Observatório Negro, de Pernambuco, foram muito importantes para a fundação da ANPSINEP, por exemplo. Nossa articulação nasceu de um contexto de urgência: quando a psicologia brasileira foi convocada a se reaver com seu racismo – que estrutura o Estado, a sociedade, as instituições e as relações sociais.

D: Como a ANPSINEP está organizada atualmente no país e quais as principais frentes de atuação?

I: A ANPSINEP foi fundada em 2010, mas passou a se constituir como um coletivo quatro anos depois. De 2014 a 2020, ela passou por um processo de expansão entre diferentes núcleos estaduais até ser necessária a criação

de uma coordenação nacional, que é feita por mim ao lado da Ceça Costa e acompanhados pela Maria Lúcia da Silva, outra fundadora da ANPSINEP e do Instituto AMMA, e também da Simone Cruz.

É interessante que definimos uma frente de ação só em 2020, durante a pandemia, quando vimos quão importante era priorizar a defesa radical da saúde mental da população negra, acompanhada, evidentemente, de condições materiais para que ela possa ser promovida.

D: Como são feitas as articulações das propostas junto às instituições que pretendem atingir?

I: A ANPSINEP tem duas grandes frentes de articulação política. A principal delas é junto aos conselhos de Psicologia em especial com as comissões de relações raciais e de igualdade racial que existem a nível regional. No âmbito nacional, temos uma relação muito estreita com o Conselho Federal de Psicologia. Exemplo disso são diversos eventos e atividades que a gente tem desenvolvido conjuntamente.

No ano de 2020, quando a gente lançou a primeira campanha, “Saúde mental da população negra importa”, fizemos uma atividade em parceria com eles, por exemplo, e também participamos ativamente do Congresso Nacional de Psicologia, - ocasião em que se definem as prioridades para a próxima gestão do Conselho. É um processo democrático muito interessante e bonito de testemunhar. Nós também tivemos a oportunidade de participar de duas reuniões técnicas do gabinete de transição governamental recentemente. Foi o momento em que consolidamos um diagnóstico muito sucinto da situação da saúde mental da população negra no Brasil, dos poucos avanços que tivemos e dos inúmeros desafios que a gente ainda tem para promover não só uma política nacional de saúde mental (que seja pautada pelo antirracismo e que

considere que a população brasileira é constituída por 56% de pessoas negras), mas também para reforçar a necessidade de implementar, em sua integridade, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

*“Tantas dores que eu tentei esconder
Queria tudo, me disseram: "Isso não é pra você”*

*Julgamentos nos fizeram perder
Livre demais pra quem não é, conseguir entender”*

Autoestima - Baco Exu do Blues

D: Como um profissional de psicologia pode ajudar uma pessoa negra a enfrentar a depressão e os impactos do racismo?

I: Quando um(a) psicólogo(a) se vê diante de uma pessoa negra que relata sofrimento psíquico decorrente de uma situação de racismo, seja explícito ou não, ele deve validar esse sentimento. O racismo relatado na escuta clínica, em uma situação de cuidado em saúde mental, deve ser considerado como um determinante social do sofrimento, da condição de saúde mental daquela pessoa. Em hipótese alguma o racismo pode ser recusado como experiência, invalidado, ou negado por quem está escutando. A existência disso denuncia o quanto a gente ainda precisa avançar.

Por outro lado, se o racismo produz efeitos psicossociais, não se deve generalizar. Cada um e cada uma se constitui de uma forma muito singular, atravessando a experiência do racismo usando recursos próprios. Digo isso porque o segundo passo é fomentar que as pessoas desenvolvam recursos suficientes para conseguir sobreviver nesse mar de violências em que estão inseridas enquanto negras. É um fato que a psicologia não dá conta de toda a complexidade da saúde mental, e pode ser preciso recorrer a outros recursos: encaminhamentos



Igo Ribeiro em leitura do manifesto em defesa da democracia e da saúde mental sem racismo.

para tratamento psiquiátrico ou para outras formas de cuidados que também são muito bem-vindos. Em suma, é necessário que o cuidado em saúde mental esteja associado a outras garantias mínimas, sociais, econômicas, e também a outras atividades que contribuam para que essas pessoas consigam aprimorar seus recursos para lidar com as expressões diversas do racismo.

D: Na carta de compromisso dos profissionais presentes no primeiro encontro da ANPSINEP, aparece o termo “racismo à moda brasileira”. Existe uma diferença clara de como o racismo se impõe no Brasil quando comparado ao cenário de outros países?

I: Existe sim. O racismo à moda brasileira tem uma relação com a negação do racismo e com a forma que ele se impõe desde o início. Aqui, o racismo tem origem Ibérica, diferente do que se vê presente nos

Estados Unidos e na África do Sul, que é anglo-saxão. O “racismo à moda brasileira” é de aproximação, penetrando nas relações sociais afetivas, mas que não supõe uma segregação institucionalizada, como aconteceu nos EUA ou na África do Sul. Ali, a rejeição da população negra resultou na imposição de um regime de segregação racial em que negros não podiam beber no mesmo bebedouro de pessoas brancas, não podiam urinar no mesmo banheiro de pessoas brancas, não podiam sentar nos mesmos assentos de pessoas brancas, não podiam ter os mesmos trabalhos, entre tantos outros exemplos.

No Brasil, embora os espaços sempre tenham sido divididos, como mostra o geógrafo Milton Santos, a experiência do racismo é diferente: tem o famoso teste do peçoço, quando estamos em um restaurante ou dentro de um shopping, olhamos quais posições são ocupadas por pessoas brancas e pessoas negras,

ou seja, quem está no serviço de limpeza e quem está consumindo. Tem outro jeito de ver isso que estou falando: quando um racista nega seu preconceito dizendo: “Eu não sou racista porque eu até tenho um amigo negro”, ou “A empregada doméstica é quase da família...”. Dito de outra forma, é um racismo que tenta disfarçar sua distinção racial. Mesmo não tendo um regime de *apartheid* brasileiro, de segregação institucionalizada, a gente facilmente percebe os lugares e as posições sociais, econômicas, relacionais ocupadas por brancos e negros. É um racismo ainda mais perverso, porque ele se difunde no meio das relações afetivas.

D: Existem dados que mostram o impacto do racismo estrutural na saúde física e mental das pessoas negras?

I: Sim. O Atlas da violência é um exemplo. Ele retrata, entre outras



Participantes do seminário Saúde Mental e enfrentamento á violência racial no sistema socioeducativo

coisas, que a população negra está mais sujeita a situações de violência letal do que a população não negra ou que a população branca. Mulheres negras, LGBTQIAP+, homens e jovens negros. A Organização Mundial da Saúde também lançou recentemente um relatório global de saúde mental mostrando que as pessoas negras estão mais sujeitas a determinadas psicopatologias ou agravos em saúde mental e, nesse mesmo contexto, o Ministério da Saúde fez uma pesquisa mostrando como, em especial homens negros, são mais suscetíveis ao suicídio por algumas razões. Enquanto as mulheres negras têm mais pensamentos suicidas, os homens negros o efetivam mais. Há ainda muitas doenças físicas que tem prevalência em pessoas negras, como é o caso da anemia falciforme ou da hipertensão arterial. São problemas provocados pelo racismo.

D: Quais as particularidades do cuidado da saúde mental quando pensamos em gênero?

I: Não dá para pensar em racismo ou no impacto do racismo dissociado

da dimensão de gênero. Se eu estou diante de uma pessoa negra, preciso olhar para a cor da pele, para a dimensão racial e para as suas experiências também pautadas pelo gênero, pela orientação sexual, pela classe social, por todas essas dimensões constitutivas do sujeito. Então, a escuta atenta e precisa do ponto de vista racial deve estar acompanhada de uma escuta de mesmo peso para a dimensão de gênero. Mulheres negras estão sujeitas a uma série de outras violências particulares no caso delas. Se a perseguição policial é voltada para corpos de homens negros, que representam, no imaginário social, o que há de pior e de mais perigoso na sociedade é preciso pensar nas repercussões psicossociais do racismo que não ocorrem da mesma forma em homens e mulheres, gays e lésbicas, transexuais e outras expressões de gêneros e sexualidades.

D: Como você considera a estrutura curricular de formação dos profissionais de Psicologia na atuação antirracista?

I: As estruturas curriculares estão

muito defasadas. Elas não dão conta de nada disso que eu trouxe para vocês. Elas sequer consideram o racismo como constituinte das subjetividades, dos processos psicológicos, psíquicos, da forma como as pessoas se constituem, apesar das produções importantíssimas de Neusa Santos, Virgínia Leone Bicudo ou mesmo de autores canônicos, como Frantz Fanon. São currículos extremamente embranquecidos e negligentes que não consideram e não incorporam essas produções.

Eu mesmo tive uma formação em uma universidade pública que não me apresentou nenhuma dessas referências. Fui acessá-las já quando estava no Mestrado, por conta própria e fora do contexto universitário. Esses currículos precisam ser adequados à realidade social brasileira. É interessante como o professor Alessandro Santos, da USP, argumenta que o pensamento racial contribuiu para a fundação do pensamento psicológico brasileiro, já ele se estrutura a partir dos estudos das relações raciais. Tudo isso para dizer que ainda não temos uma estrutura curricular capaz de formar profissionais de psicologia que atuem em uma direção antirracista. Na verdade, muitos formados se tornam profissionais que negam o racismo como determinante da condição de saúde mental da população negra enquanto produtora de relatos sobre esse sofrimento.

50 ANOS

FIAM-FAAM

Transformando vidas por meio da
educação acessível e de qualidade.

50 ANOS

MÚSICA

50 ANOS

**PUBLICIDADE
E PROPAGANDA**

50 ANOS

JORNALISMO

**FIAM
FAAM**
CENTRO UNIVERSITÁRIO

50
1972 2022
ANOS

Os 50 anos dos emblemáticos cursos da FIAM-FAAM

Por Victoria Regina de Oliveira e Henrique Delunero di Spagna Lobo*
Edição: William Pianco e Vinicius Mendes

O ano de 2022 consagrou-se como um ano icônico para FIAM-FAAM. Este é o ano em que três cursos bastante emblemáticos, cada um com sua respectiva relevância no âmbito acadêmico e referência no mercado, são os cursos de Jornalismo, Publicidade e Música. Este marco conta com pessoas como o reitor e atual presidente Arthur Sperandéo que foi reitor da FIAM-FAAM entre 2007 até 2014 e retornou em 2021,

conversamos também com o vice-presidente acadêmico e professor Manuel Nabais da Furriela, a vice-presidente acadêmica de inovação Aline Alves de Andrade e o diretor da HECSA Fernando Leme.

Questionados com algumas questões das quais as repostas conduziram para breves narrativas sobre trajetórias de suas carreiras, da universidade e dos cursos além de traçar uma perspectiva futura em meio as tantas

transformações sociais e tecnológicas que tem causado uma disrupção em uma velocidade cada vez maior, consequentemente, trazendo consigo muitas oportunidades de resolver problemas do passado como acessibilidade, conforto, praticidade e trazendo novas possibilidades, mas também cobrando uma adaptação e um entendimento cada vez mais rápido sobre novos sistemas e métodos.



Arquivo da FIAM-FAAM



Divulgação

Presidente/Reitor Arthur Sperandéo

Uma escola de vanguarda

Para o presidente e reitor Arthur Sperandéo, a instituição possui como diferencial a busca investigativa que do seu ponto de vista é algo indispensável para as áreas onde a própria instituição se notabilizou.

“Temos também vários pontos que acho que são necessários, são as dezenas e dezenas de professores ao longo destes 50 anos que formaram o conjunto desta obra acadêmico-profissional extraordinária que é o Centro Universitário FIAM-FAAM. Eu acho que devemos muito aos nossos professores, aqueles que já se foram, aqueles que estão presentes e os que virão, porque eles seguem uma escola e a FIAM-FAAM segue como uma escola de formação diferenciada para os profissionais que há procuram.” Ainda sob a ótica do reitor e presidente, a maior contribuição da instituição para o ensino foi a seguinte: “Nós trazermos centenas, milhares de jovens que saem egressos da FIAM e se colocam no mercado de trabalho representando os valores da sociedade, os valores do conhecimento e os princípios que regem a educação de qualidade e o processo formativo de cada uma das áreas e dos cursos da FIAM. Então, essa questão para nós é muito importante: fazer com que



Divulgação

Vice-presidente Acadêmica e Inovação Aline Alves Andrade

esses jovens ingressem no mercado de trabalho com a melhor formação possível, dentro dos valores que a sociedade preza e o mercado de trabalho exige. Temos muito orgulho de conseguir ao longo desses 50 anos, promover educação de qualidade”.

O diretor Fernando Leme, que já está na instituição há 18 anos e acompanhou o crescimento da universidade, concorda “O compromisso que a FIAM-FAAM tem com os alunos é gigantesco, não só no sentido da responsabilidade que ela tem como marca no mercado de trabalho



Diretor da Escola das Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Artes e Humanidades (HECSA) Fernando Albino Leme



Divulgação

Vice-presidente Acadêmico Manuel Nabais da Furriela

e a tradição que ela tem, mas, principalmente na sua preocupação não só em contribuir com a educação no País mas, também em capacitar os nossos alunos para o mercado de trabalho. A instituição como um todo forma muitos alunos e esses na sua grande maioria estão empregados. Nós temos a certeza que contribuimos para que o aluno melhorasse sua condição de vida, então em relação ao que ele entrou na instituição e sua formação, se ele olhar para trás, vai perceber que está melhor qualificado não só culturalmente, mas profissionalmente. Esse é um grande legado que a instituição traz e nos orgulhamos”.

A FIAM-FAAM é conhecida por ser uma referência entre as instituições de ensino superior. Considerada pelo Ministério da Educação como uma das melhores universidades do país.

A razão de isso ocorrer é a dedicação de cada um que faz parte da sua história.

Os professores vestem a camisa, os alunos tem orgulho de fazer parte da FIAM. Ela é muito bem avaliada pelos estudantes. De acordo com vice-presidente Manuel Furriela, toda essa tradição e reputação da instituição traz com certeza muita diferença em relação as demais. Com isso a instituição mostra para o mercado que têm uma instituição

com décadas que manteve a qualidade, mostra as antigas que elas precisam se atualizar para oferecer a melhor educação aos seus alunos e para as novas instituições mostra a importância da construção de uma trajetória mantendo o nível de qualidade. Outro fator importante sobre a instituição e que motiva os alunos é a grande diversidade que a universidade possui, a livre liberdade de expressão, a universidade ser democrática. Em relação a essa questão a vice-presidente Aline Alves de Andrade comentou: “A FIAM-FAAM nasceu em um período bem difícil, 50 anos atrás tínhamos desafios políticos no país. Com certeza em um âmbito de democracia é uma instituição que tem e sempre teve uma relevância gigantesca e isso se mostra ao longo do tempo até agora. Esse ano [2022] a gente trouxe todos os candidatos ao governo do Estado de São Paulo para palestras e isso mostra o quanto democrática



é a nossa instituição e o quanto acreditamos na diversidade e somos agentes de desenvolvimento social e econômico do País.” A vice-presidente Aline Alves de Andrade reforça que os Núcleos que a instituição criou, como o NERA, NUGE e NEMA, são de uma relevância significativa, não somente por executarem estudos sobre os temas étnicos raciais, gênero, sexualidade, meio ambiente, mas também por tratarem de temas transversais que precisam permear a sociedade como um todo, mas principalmente a comunidade acadêmica.



Arquivo NERA

Professora Maria Lúcia (coordenação NERA- de blusa verde), com alunos de comunicação após palestra da jornalista Rosane Borges (de vestido estampado) mediada pelo sociólogo Márcio Macedo (ao fundo com encharpe no peixeço).

Tradição e evolução caminhando juntos

Os segredos dos 50 anos do Centro Universitário FIAM-FAAM e do curso de jornalismo

Por Gabriel Serafim Oliveira*
Edição: William Pianco e Vinícius Mendes



Divulgação FIAMFAAM

Alunos do 2º semestre durante exercício em aula de redação jornalística

No dia 17 de fevereiro de 1972, o Centro Universitário FIAM-FAAM iniciou sua trajetória educacional de alto nível para oferecer à sociedade um ensino superior de qualidade, torná-lo acessível à população e apostar na formação cultural, tecnológica, científica e humanística. Desde sua fundação, há 50 anos, a instituição mantém uma mistura perfeita de tradição e modernidade. Tem como foco o pragmatismo, a criatividade, a inovação e a participação em projetos comunitários no mercado educacional. O principal objetivo de tudo isso é transformar os alunos em profissionais de sucesso no mercado de trabalho.

Este percurso iniciou-se com os cursos de Comunicação Social com foco em

Publicidade e Propaganda, Jornalismo, e também no curso de Música.

Para comemorar esses 50 anos, falamos com professores e alunos dos cursos citados, para obter deles respostas sobre suas experiências com a faculdade. Ao perguntarmos sobre a questão de manter a tradição da faculdade e também de se inovar, a professora e coordenadora do curso de Jornalismo, Nicole Morihama afirmou que essa é uma questão super importante. “Eu acredito muito na força da tradição, por conta do legado, por conta de uma história que a gente tem que honrar”, diz Nicole.

A coordenadora ainda pontua que apesar de acreditar na tradição, não se pode deixar de evoluir. “História

é uma coisa muito valiosa hoje em dia, o que a gente precisa é dar a importância dessa história, do peso dessa história, de tudo o que foi construído, mas sempre com um olhar para o futuro. A gente não pode parar no passado dizendo que somos tradicionais, eu acho que isso é um tiro no pé”, afirma a coordenadora.

Quando perguntado aos alunos do curso de jornalismo suas opiniões sobre o diferencial da FIAM-FAAM para as demais faculdades, o aluno, Gabriel Campagnoli, apontou a questão da importância e a preocupação que o corpo docente tem com as atividades extracurriculares.

“Para a gente que é da Escola da Comunicação, por mais que eu não pude estar presente, houveram



Coordenadora do curso de jornalismo
Nicole Morihama



Alunos em aula de rádio jornalismo com professor Cal Francisco.

muitas visitas técnicas, na Band, na Globo, e muitas palestras que são atividades extraclasse que muito enriquecem o nosso currículo. As atividades que a FIAM promove para os alunos, é o que destaca ela das outras universidades particulares de São Paulo”. Uma boa instituição, uma universidade que se preze, sempre irá precisar se adequar e se reinventar para o que pede o mercado. Então a questão de cursos curriculares e extracurriculares, palestras com profissionais de altíssimo nível, sempre serão favoráveis e fundamentais para que a faculdade seja vista de forma positiva: tanto para com seus alunos, mas também para com quem está a procura de uma boa instituição para se matricular. Todas as instituições de ensino querem sempre se tornar uma instituição ainda melhor do que já são. Pensando nisso, o professor de rádio do curso de Jornalismo, José Francisco, de 56 anos, mais conhecido e chamado carinhosamente por “Professor Cal”, que é graduado e pós-graduado em diversas áreas, fez algumas sugestões para a instituição. “Se eu pudesse dar alguma sugestão, seria de uma aproximação maior do mercado de trabalho, fazendo uma ponte, quase que real entre a sala de aula e uma redação, uma agência, uma produtora. Esse trabalho já existe, mas a minha proposta seria de um aprofundamento nessa aproximação e nessa relação, principalmente no período pós-pandemia, um período em que os estudantes naturalmente

precisam de uma capacitação maior”. Quando falamos sobre faculdade, muitas pessoas procuram saber experiências que ex-alunos já tiveram com tal instituição. Com isso, é importante ter a voz de pessoas que estão dentro de uma faculdade, ou que já passaram por ela. Diante disso, a zegressa, Maria Carolina Sousa, descreveu sua experiência com o curso de Jornalismo realizado dentro da FIAM-FAAM: “Ao longo do curso a gente vai se moldando e mudando muito. Vamos aprendendo muita coisa nova porque nós temos contato com outras pessoas que trazem bagagens diferentes. A Maria que começou a faculdade a quase 5 anos atrás, não é a mesma de agora, ela mudou muito, aprendeu muita coisa, e o curso foi essencial nessa mudança de chave”, afirmou. O corpo docente é de extrema importância dentro de uma instituição educacional, e sempre os professores dos cursos querem cada vez mais evoluir, assim como os discentes. Com isso, o professor Benedito Moraes, mais conhecido como “Bene”, se orgulha muito dos trabalhos que vem realizando dentro da FIAM-FAAM. “Hoje sou um dos líderes do NERD, que é o Núcleo de Estudos das Redes Digitais, que está dentro da minha área de atuação e pesquisa, então pra mim essa liderança junto com o professor Wiliam Pianco, era o que estava faltando para fechar com chave de ouro a minha participação na FIAM-FAAM”. Bene ainda diz que não há algo de específico que deseja realizar

dentro da instituição, que já se sente bem com o que vem fazendo. “Eu acho que contribui bastante com a FIAM-FAAM e eles contribuíram muito comigo. Eu gosto muito de dar aulas, é um prazer enorme estar diante dos alunos, olhando para aqueles olhares atentos as minhas explicações, então acho que essa é a melhor coisa que pode existir. Eu não sei se teria sonho de ser, ou de fazer algo que não fosse isso, contribuir com a formação desses alunos”, finalizou.

* Estudante do 8º semestre de



Jornalismo

Música de respeito

Completando meia década de existência, curso de Música da FIAM-FAAM celebra com concertos matinais na Sala São Paulo

Por Luiz Guilherme Cosme*
Edição Wilian Pianco e Vinicius Mendes

Memória



Divulgação FIAMFAAM

Orquestra e coral da FMU FIAM-FAAM

Apesar de exigir um grande conhecimento teórico, repleto de linhas de pensamento distintas e técnicas próprias, a música não é comumente vista sobre o prisma de ciência. Isso acontece por muitos motivos, mas talvez o principal deles é o fato de muitas pessoas saberem

tocar instrumentos musicais ou mesmo cantar, ainda que de forma amadora. Pesquisas já explicaram, por exemplo, que o conhecimento musical estimula áreas do cérebro que atividades cotidianas não conseguem alcançar. É por isso que, para além de expressar sentimentos de maneira própria, a música

também vai do *hobby* de quem toca ou canta até tratamentos terapêuticos. Há um universo particular em que ela é, na verdade, um campo profundo de estudos – e é nele que se encontra um dos cursos universitários mais antigos da FIAM-FAAM: o de Música. Presente na instituição

desde a fundação, em 1972, ele está completando meia década de existência ao lado de outros cursos tradicionais da faculdade, como Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Para o professor João de Souza, que leciona no curso, a música tem, antes de tudo, uma função social – que a instituição procura reforçar. “Nossa busca é sempre por levar esse conhecimento às classes mais baixas, entendendo a música como uma atividade social importantíssima”, explica. Para o aluno Leonardo Aniceto, o curso da FIAM-FAAM tem um método que estimula a procura da perfeição tanto no estudo musical quanto no domínio técnico do instrumento. “Se a metodologia é boa, aspectos como a musicalidade e a afinação da pessoa virão como consequência”, argumenta. Aniceto, aliás, coloca sua própria experiência como explicação: a técnica na música vem com repetição exaustiva e estudo intermitente tanto da teoria quanto da prática.

Para Sérgio Moreira, que também é professor do curso de Música da FIAM-FAAM, um dos diferenciais da instituição é a atenção particular dada às necessidades de cada aluno. O objetivo, ao final, é que o conhecimento seja nivelado entre toda a turma. “É comum que as pessoas cheguem em níveis desiguais: algumas já sabem muito e outras estão começando. Nosso trabalho é deixá-los em pé de igualdade”, conta. “Nos projetos interdisciplinares, em que eles se apresentam para públicos pequenos, mas que são bastante empolgantes, nós também vamos analisando essa nivelção. Essas atividades complementam muito bem as disciplinas teóricas”, continua. São características como essas que fazem do curso de Música da FIAM-FAAM um dos mais respeitados do circuito universitário musical do País. Ao unir estrutura, método, didática, além da dedicação e do comprometimento dos professores, ele mantém a tradição da instituição em oferecer uma formação universitária de excelência.

Esse reconhecimento, aliás, vem de fontes importantes do cenário da música, como a Sala São Paulo – um dos principais locais de apresentações musicais do mundo. “Quando a gente começou a participar das matinês da sala, em 2014, realmente sentimos que era um dos grandes momentos do curso”, lembra o professor Rodrigo Vitta, que também é regente da Orquestra FMU FIAM-FAAM.

“Poder levar os alunos até lá e unificar o projeto com professores, diretores e coordenadores foi mais do que isso: foi o grande momento da universidade”, finaliza ele.



Divulgação

Coordenador do curso Música e músico Sérgio Moreira



Divulgação

Professor e maestro Rodrigo Vitta



Divulgação

Egresso Leonardo Aniceto e o professor e maestro João de Souza (Bob).

O diferencial da tradição

Os 50 anos de sucesso e respeito do centro universitário FIAM-FAAM e o curso de publicidade e propaganda

Por José Juliano Flores Vasconcellos*
Edição: Willian Pianco e Vinicius Mendes

Em 1972, no bairro do Jabaquara, zona sul de São Paulo, nasce o grande protagonista desta matéria: o FIAM-FAAM Centro Universitário. Respeitado por alunos e professores, o FIAM-FAAM comemora seus 50 anos com qualidade, tradição e respeito ao mercado de trabalho, formando profissionais de gabarito com um ensino de excelência.

Na época, o Centro Universitário teve sua estreia no mercado educacional da cidade com os cursos de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda, além do curso de Música – precursores do ensino na instituição.

Quando perguntada sobre o que leva uma instituição a manter sua qualidade ao longo de toda sua trajetória, Tereza Imperiale, coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda, afirma que um corpo docente bem estruturado é fundamental. “O grande diferencial que temos até hoje é o corpo docente. O que mais se evidencia, até mesmo pelos próprios alunos, é o corpo docente, de todos os cursos”, afirma Imperiale. Ainda, a coordenadora pontuou sobre a preocupação da instituição em relação à qualificação dos professores e sua titulação, além, claro, da relação entre professor e aluno.

Durante as entrevistas realizadas para a produção da matéria, entre professores, alunos e ex-alunos, o quesito mais apontado, em relação à qualidade do ensino da instituição, foi, de fato, a formação e experiência dos professores. “Você tem, dentro do FIAM-FAAM, um conjunto de professores que são mestres, doutores, que são renomados na área de atuação deles. E, você ter a possibilidade de aprender com essas pessoas, é esplêndido”, disse Tarcísio Boaventura, formando do curso de Publicidade e Propaganda. “Você tem alunos que viraram professores, alunos que viraram profissionais renomados e que estão sempre de

volta à instituição para poder falar, poder palestrar, para poder passar as experiências”, afirma o formando. E, de fato, já faz parte da história dos alunos, palestras e cursos ministrados por professores, ex-professores e ex-alunos renomados no mercado de trabalho. Aliás, ninguém sai ileso da FIAM-FAAM a uma palestra catártica sobre seu curso ou algo atrelado a ele, e que, certamente, fará uma diferença enorme em seu currículo.

Claro, uma boa instituição não se constrói apenas com bons mestres sustentando uma organização; outros pilares são fundamentais para que o conhecimento se estabeleça



Coordenadora Tereza Imperiale (sentada chão/blusa estampada animal print) com alunos do curso de Publicidade.

Divulgação



Coordenadora do curso de Publicidade Tereza Imperiale.

rumo à excelência. Palestras, cursos curriculares e extracurriculares são pontos fundamentais para ajudar a manter em pé os pilares de um bom curso numa instituição renomada. Estudar em uma instituição com tanta história é algo que pesa na formação e, de certa forma, abre portas para aqueles que vão para o mercado de trabalho. O aluno egresso de Publicidade e Propaganda, Raphael Guimarães, afirma isso quando fala sobre o diferencial do Centro

Universitário. “A FIAM-FAAM, por ter a especialização na área de Comunicação Social, é algo que me dá mais credibilidade no mercado, é uma faculdade de renome, afinal, grandes nomes se formaram ali. Tem o corpo docente, a especialização que eles conseguem passar pra nós e, junto com essa formação, tem todo um histórico de sucesso de uma universidade que consegue hoje completar 50 anos. E a gente ganha junto com a instituição. Quando a gente fala FIAM-FAAM, tem um certo peso [...]. Eu me sinto muito orgulhoso por fazer parte desses 50 anos”.

Ministrando aulas sobre Redação, Análise do Discurso e Linguagens há 8 anos na faculdade, a professora Maria Tereza Blois falou sobre a importância de um corpo acadêmico coeso. “Se você não tiver uma interação entre corpo docente e coordenação, com os colegas, fica difícil trabalhar. Nós temos um corpo docente muito coeso e eu acho isso muito importante”. Ainda, Blois confessa sua identificação com a instituição, com a liberdade que tem para exercer seu ofício e o apoio que recebe para desenvolver projetos e pesquisas. “Eu acho que, para um acadêmico, isso é essencial”.

Carlos Eduardo Scopinho, o nosso querido Cadu, apelido com o qual é conhecido na instituição, falou sobre sua vivência enquanto professor. “Pensando na comunicação, em criar essa troca, eu costumo dizer que não sou um professor. Eu sou um mediador, porque eu não sei tudo. Eu aprendo muito com os alunos, óbvio. Eu sou dedicado àquilo que eu faço, e eu quero repartir isso nessa comunhão”. Professor há 18 anos, sendo 8 no FIAM-FAAM, Cadu deixa claro sua satisfação com a instituição. “Ser um membro do FIAM-FAAM é muito gratificante. Desde que cheguei fui muito bem recebido e ouvido. A coordenadora do curso de Publicidade, Tereza Imperiale, é um exemplo de liderança em termos de troca, aceitação de informações, metodologias”.

Imperiale, coordenadora de publicidade, enfatiza o desafio de estar sempre alinhado ao mercado de trabalho, fator importantíssimo para manter a qualidade ao longo desses 50 anos. “A questão mercadológica é fundamental. A gente sempre tenta manter os professores atualizados, trazendo experiências do mercado pra dentro da faculdade”.

De fato, o orgulho em fazer ou ter feito parte do Centro Universitário FIAM-FAAM é um sentimento intrínseco a boa parte de todos que por lá passaram. Seja iniciando sua carreira profissional e acadêmica enquanto aluno, ou mesmo formando esses futuros profissionais como integrante do corpo docente. Entre idas e vindas, entre Publicidade e Propaganda e a troca para Jornalismo, eu, enquanto aluno, percebo essa efervescência latente na formação. Cursei Publicidade até o sexto semestre, quando, finalmente, percebi que estava no curso errado para mim. Transféri para Jornalismo e me encontrei. Posso afirmar que a “Instituição tem tradição, qualidade e responsabilidade com aqueles que formam”.

Arquivo Pessoal



Coordenadora Tereza Imperiale rodeada pelos professores do curso, em noite de entrega do prêmio Flamingo de Ouro.

O sucesso da Multix-AICOM

Fábio Pelicer, coordenador da agência, espelha o compromisso da instituição em proporcionar conhecimento e experiência profissional para os alunos ainda dentro da universidade

Por Priscila Alves*
Edição: Vinicius Mendes

A Agência Integrada de Comunicação (AICOM) da FMU FIAM-FAAM é uma janela de oportunidades para os alunos da instituição. Trabalhando em conjunto com a MultiX-AICOM (Agência Integrada Experimental Multidisciplinar) e com o Estúdio Experimental de Design, ela tem visto o número de estagiários e orientadores crescer neste ano.

Para ser mais preciso, eram 160 estagiários em 2021, e agora são 205, enquanto 12 orientadores de sete áreas diferentes se revezam no processamento de todo o conteúdo da agência – antes eram sete áreas).

Entre elas estão alunos e professores dos cursos de Rádio e TV, Relações Públicas, Jornalismo e Publicidade e Propaganda. À frente desse sucesso está Fábio Pelicer, professor de Publicidade Propaganda da FMU FIAM-FAAM e coordenador da agência desde o ano passado, que se orgulha dos dados. Para ele, o objetivo central é aprimorar o conhecimento dos alunos aproximando-os da vivência profissional.

“Essa é uma das características da nossa instituição. O trabalho multidisciplinar tem resultados práticos muito positivos, como a própria Dumela – que hoje é um sucesso dentro e fora da instituição”, comenta.



Divulgação

Professor Fábio Pelicer, coordenador da agência.

O foco na preparação profissional dos alunos também levou Pelicer e seu grupo de coordenação a criar os Núcleos de Práticas, grupos paralelos à AICOM que direcionam os alunos de acordo com as demandas do mercado e os projetos de carreira de cada um. São eles o Núcleo de Estágio (Next), o Núcleo de Práticas Publicitárias (NPP) e o Núcleo de Práticas Mercadológicas. “Na prática, isso significa que, a cada semestre, os alunos terão alguma atividade prática dentro do seu campo de formação – isto é, vão colocar a mão na massa”, explica Fábio.

Pelicer também tem planos para o futuro: implementar uma área de treinamentos para o ambiente de trabalho e – uma que está perto de se tornar realidade – oferecer estágios remunerados para alunos dentro da instituição.

Em parceria com o hub de inovação Labof e a agência de marketing Digital Solvers, a FIAM-FAAM já terá esse tipo de possibilidade a partir do próximo semestre. Ambas, vale dizer, serão patrocinadoras da AICOM.

E não para por aí: às vésperas do fim do ano, Pelicer também organizou a quinta edição do projeto Flamingo de Ouro, uma premiação da AICOM para premiar os melhores TCCs do semestre. O evento aconteceu no começo de dezembro. “Reconhecer e valorizar os trabalhos dos nossos alunos também é importante”, finalizou.



Resultados obtidos em 2022

“Debate sobre mudanças climáticas não pode ficar apenas nas universidades”

Geógrafo Júlio Barboza Chiquetto traz uma perspectiva única sobre a ciência e seus avanços ao longo dos séculos

Por Maria Carolina Sousa*



Arquivo Pessoal

Falar sobre mudanças climáticas vai muito além do Efeito Estufa ou do lento processo de derretimento das geleiras que ocorre na Antártida. Hoje, essa questão passou a versar sobre coisas que estão no cotidiano, como populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica, por exemplo, que não têm outra opção que não construir suas casas em áreas de encostas.

Para o geógrafo Julio Barboza Chiquetto, com formação acadêmica pela Universidade de São Paulo, refletir e educar os jovens sobre os efeitos climático é de uma suma importância para o avanço de novas pesquisas e

para a elaboração de planos de ação. Apaixonado pela sala de aula, Chiquetto notou, enquanto estava no Doutorado, que seu campo de pesquisa pode ser interdisciplinar. “A geografia já tende a ser uma ciência que transita entre várias áreas do conhecimento. Na graduação a gente estuda história, sociologia, ecologia, clima, etc. Então, o geógrafo já é um profissional com conhecimento bastante abrangente. Foi assim que me encontrei na área de poluição atmosférica e mudança climática”, diz ele, que é membro do Grupo de Pesquisa em Política Ambiental do Laboratório de Geografia Política da USP.

Chiquetto falou com a Dumela em um bate-papo descontraído e repleto de falas pontuais sobre senso comum, administração pública e a vida em sociedade.

DUMELA: Você disse recentemente que “a ciência tem um método de construção do conhecimento” que pode ser utilizado pelos estudos do clima. Como isso se aplica no seu trabalho?

JULIO CHIQUETTO: De uns três anos pra cá, comecei a trabalhar de forma mais profunda com mudança climática. É inevitável se deparar, seja nas redes sociais ou então em ambientes profissionais, com os negacionistas do clima. Precisamos explicar para essas pessoas que os argumentos que elas utilizam são, na verdade, uma forma de minimizar o papel do ser humano nas mudanças. É por isso que existem várias teorias conspiratórias ou fake news, ainda mais quando os assuntos são bastante polêmicos. Durante a pandemia, por exemplo, isso aconteceu com as vacinas. Mas é interessante pensar que começamos a estudar o clima de forma científica há apenas 200 anos. Historicamente, é pouco tempo, considerando que é uma ciência complexa. Naquela aula, eu queria dizer que o fazer científico tem mecanismos de construção do conhecimento, avaliação e de correção de erros. Antigamente, se



falava que, até 2040, todas as calotas polares iriam derreter. Hoje nós sabemos que isso não acontecerá com todas elas. O dilema é que as pessoas precisam muito de respostas definitivas para lidar problemas que são complexos e sistêmicos.

D: O termo “mudanças climáticas” é um guarda-chuva para outras áreas de estudo?

JC: Com certeza. A gente tem vários vetores humanos contribuindo para os problemas climáticos. É por isso que é possível um evento climático extremo acontecer em uma região sem que outra seja afetada. Nós, especialistas, precisamos vir a público toda hora dizer que o termo “mudança climática” é utilizado porque é mais abrangente e dá conta de explicar esses desequilíbrios do clima – não é só o aumento das temperaturas.

D: Como lidar com o senso comum sobre mudanças climáticas?

JC: A complexidade da ciência costuma jogá-la contra uma abordagem mais popular. A sabedoria comum, produzida no cotidiano, é uma instância de

produção do conhecimento à medida em que também se põe a explicar a realidade. Porém, a ciência tem uma temporalidade devagar e gradual, sem contar sua complexidade: às vezes ela nega algo que se afirmava antes. Por que isso acontece? A resposta é simples: a ciência melhorou e agora nós sabemos mais do que antes. Eu vejo que existe um esforço de cientistas em se articular com outros setores e fazer com que a população não fique alienada.

D: Como a educação pode transformar o debate sobre mudanças climáticas?

JC: O debate sobre mudanças climáticas não pode ficar apenas nas universidades. A educação é uma excelente ponte e existem algumas iniciativas bem interessantes de popularização e de disseminação do conhecimento em mudanças climáticas, mas precisamos ir além. É necessário engajar professores com programas de capacitação, de forma que a transformação aconteça a partir da sala de aula, fazendo com que o aluno se modifique de dentro para fora. Aliás, existe uma vantagem em trabalhar com crianças e adolescentes: eles geralmente são mais abertos e têm mais tempo para

se debruçar sobre esses assuntos. Sem contar que o ambiente escolar é propício para absorção de um conhecimento que, depois, será passado para a família.

D: Como você enxerga iniciativas que apuram informações, como a plataforma Aos Fatos?

JC: Infelizmente, as redes sociais ainda são reguladas como deveriam e, por isso, a informação é disseminada de forma irresponsável e até intencionalmente maliciosa, em alguns casos, para promover agendas de determinados grupos políticos. Por isso, essas plataformas são importantes. Mas só isso não basta: é preciso investir em educação e em campanhas de conscientização. Muitos espectros da desinformação impactam pessoas que estão em situação vulnerável, tornando o processo ainda mais complicado. Por isso, a “alfabetização informacional” deve ser como uma vacina: aplicamos nas pessoas a autonomia para o consumo de informações de forma a existir o discernimento entre verdadeiro ou falso.

*Egressa curso jornalismo FIAMFAAM

Assentamento

A fotografia e o seu trato com a memória negra urbana

Por Pedro Martins*

Não tem como pensar democracia sem repensar territórios. Refletir a respeito do desenvolvimento da discussão em torno da lógica epistêmica decolonial e das narrativas socioculturais da população afro-brasileira inseridos no espaço urbano, é uma questão elementar que ajuda a identificar e desmontar as armadilhas da colonialidade. Ela provém das políticas de domínio na construção da história. Fatos importantes para entendermos e pensarmos em como se cria e se dá a razão para os processos de escolhas de uma narrativa e a evidência de um espaço protagonista – bem como pensar em como se dão os processos de apagamento das narrativas negra por meio de necropolíticas (MBEMBE, 2018) orquestradas pela herança da colonialidade e os poderes imperialistas de interdição ao saber. Elas tentam sintetizar suas necessidades de comunicação, construída inerente a um projeto de poder, que articula o memoricídio e as estruturas racistas - apagando, negligenciando e violentando aqueles que propuseram outras, em relação às histórias centrais. De imediato, posso propor como estratégia a construção de um recorte perante a arte: o conceito na história retratada em minhas obras, partem de um princípio crítico do pensamento decolonial, por dentro de uma política de afirmação que movimenta a obra em uma conjuntura cessada em princípios de reparação, que visa pela retomada de um protagonismo dos espaços afro-latino-americano na reescrita das histórias que outrora

foram subalternizadas e apagadas por essas ditas grandes narrativas. O que está sendo proposto em **ASSENTAMENTO** é mais um caminho, entre tantos outros, que ajudam a orientar o olhar a uma revisão da consciência ativa na posição de protagonismo das identidades em questão, edificando possibilidades de diálogos com os poderes hegemônicos, tecendo, de forma estruturada, políticas de reconstrução e preservação das memórias a respeito da identidade negra, na construção e nos processos de desenvolvimento das grandes cidades. Meu trabalho parte do princípio que uma das ferramentas cruciais para construir uma leitura crítica aos processos de construção do espaço urbano referidos à memória negra é direcionar o olhar para as produções visuais dentro das artes, e construir um diálogo entre o pensamento crítico cultural e o pensamento decolonial social, levando em consideração os pontos e as linhas que estruturam essas imagens. É importante notar as várias formas de violências compulsórias, vindas de uma narrativa hegemônica, para que possamos desenvolver processos e políticas reformadoras, pavimentando possibilidades de recontar as histórias, de modo que ao acessarmos esses conteúdos, essas narrativas, esses territórios e essas memórias, possamos exercer um olhar crítico à nossa história e construir uma perspectiva para o nosso lugar no futuro. O conteúdo que compõe as imagens revelam a expressão das camadas sobrepostas

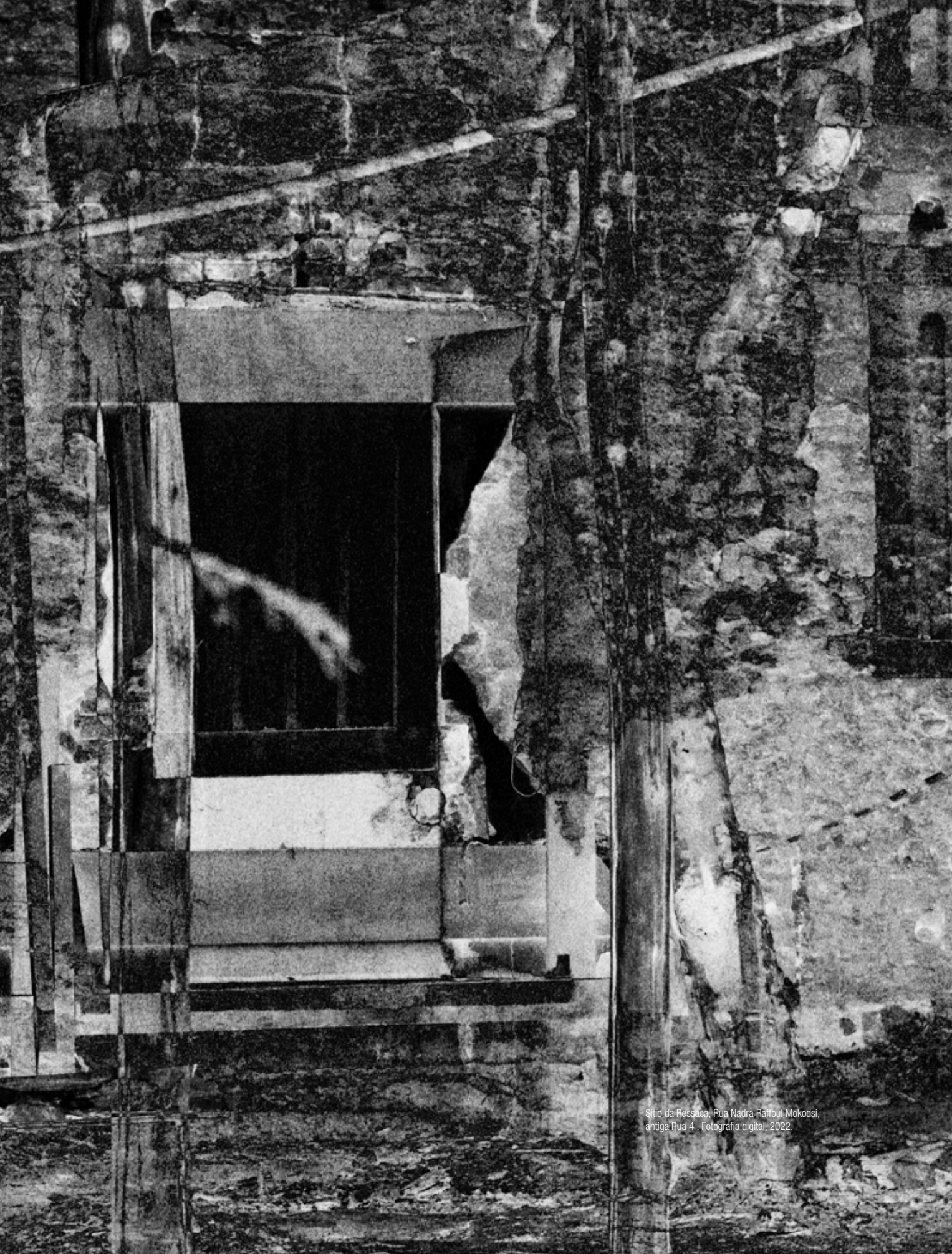
pelo tempo, nelas os olhos veem entre as luzes e as sombras as formas rígidas da redescoberta de um espaço que outrora foram nossos campos de batalha e trincheiras de resistência. As representações são formalmente embutidas em camadas de interpretações das cenas reproduzidas, isso permite concentrar o espectador em momentos parlatórios a respeito do conceito memória e distanciá-los das narrativas impostas, ou seja: situo as imagens em um lugar diferente na discussão, próximo da presença pedagógica das imagens inseridas nos livros de história. As rotas em que as imagens são produzidas fazem parte de uma deambulação, que se inicia com a necessidade de desvelar os territórios soterrados pelas rugosidades do tempo e da memória. Enquanto fatos da experiência, percepções e conhecimentos sobre as abordagens que foram veiculadas aos trabalhos, pelos quais foram ao mesmo tempo objetivados, e seu conteúdo elevado a um nível abstrato, condiciona a pessoa que observa as imagens a se forçar a ter uma posição autônoma.

* Leia matéria na íntegra no site da revista.

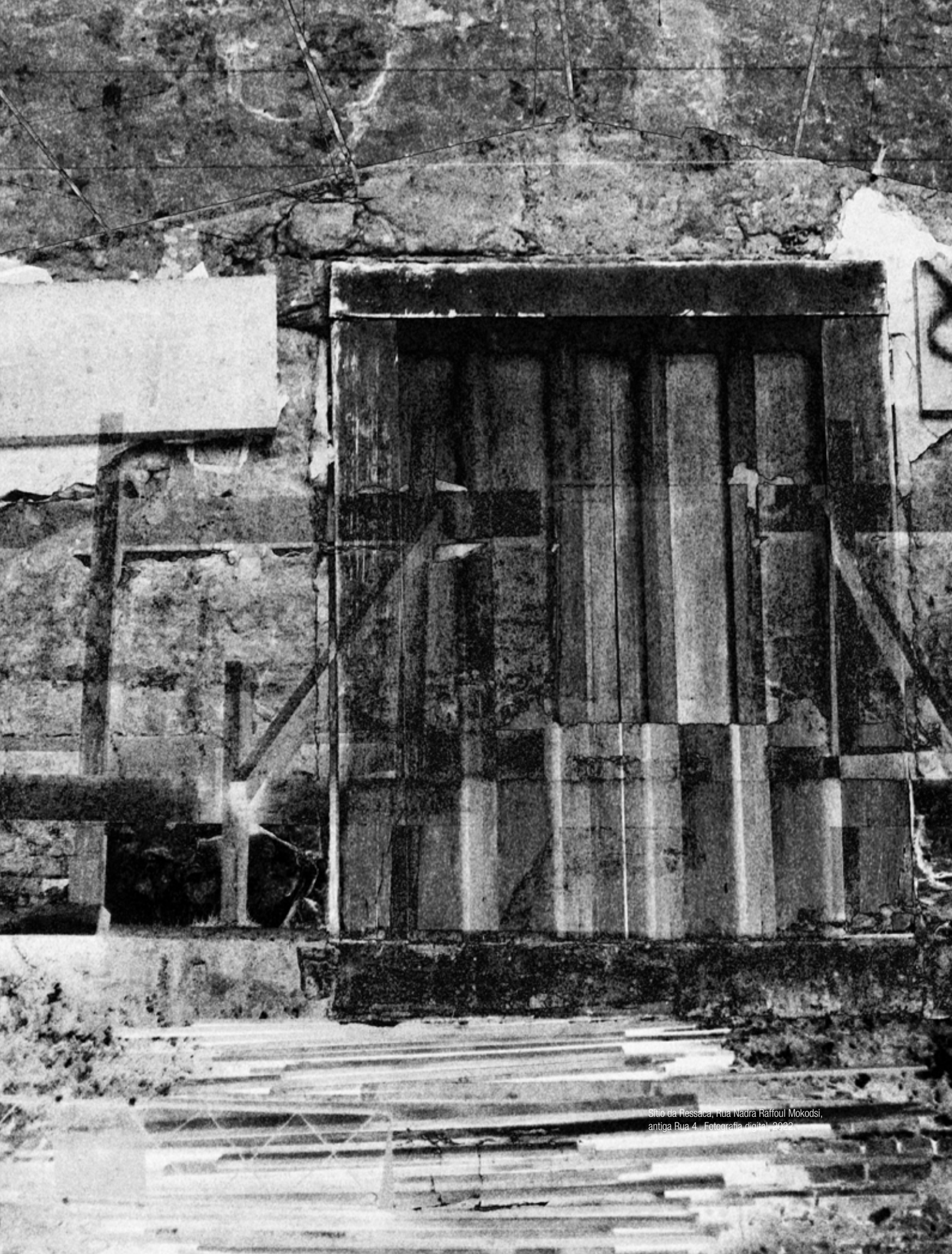


*Egresso curso Artes Visuais FMU.

Arquivo Pessoal



Sítio da Ressaca, Rua Nadra Raifoul Mokodsi,
antiga Rua 4. Fotografia digital, 2022.



Sítio da Ressaca, Rua Nadra Raifoul Mokodsi,
antiga Rua 4 - Fotografia digital, 2022



Sítio da Ressaca, Rua Nadra Raffoul Mokodsi,
antiga Rua 4 . Fotografia digital, 2022.



Rua da Glória, antiga Rua do Cemitério,
Bairro da Liberdade, Fotografia digital, 2022.



Complexo Penitenciário do Carandiru, Avenida Gen. Ataliba Leonel, antiga Estrada do Carandiru, Bairro Carandiru. Fotografia digital, 2022.

O Voluntariado é o mais novo aesthetic

Por Giulia Hartvite*
Edição: Vinicius Mendes

Estudar, trabalhar, curtir com amigos e familiares são aspectos que formam as rotinas da grande maioria das pessoas. Entretanto, existem aquelas que não se satisfazem apenas com esse ciclo, por acreditarem na

necessidade de devolver à sociedade as oportunidades conquistadas e partem para atuar em atividades de voluntariado. Nesta edição da DUMELA, buscamos nos aprofundar mais sobre os programas voluntários de

diversas causas que os alunos da FMU FIAM/FAAM participam ou já participaram. O objetivo é influenciar, através de depoimentos, mais pessoas a se envolverem em ajudar a sociedade.

“Particpei de um projeto de entrega de marmitas de segunda a segunda, entregamos marmitas na hora do almoço para pessoas em situação de rua. O projeto começou em junho de 2020, pelos meus pais, e as marmitas eram feitas lá em casa, a minha obrigação era ajudar desde o preparo até a entrega. Com o passar do tempo foi aumentando e começamos a ter ajuda da igreja que congregamos. Recomendo sim, muito. Depois da realização desse projeto as coisas melhoraram muito para a minha família, acredito muito que quando fazemos o bem coisas boas nos acontecem”. – **Sofia Matias Vilar de Abrantes, estudante do 2º semestre de jornalismo FIAM-FAAM.**



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

“Participo do jornal *tumulto*, foi um convite da proprietária do jornal, meu papel é redigir matérias sobre causas feministas em amplos assuntos. Foi ótimo, falar sobre feminismo e tudo que ele abrange é muito bacana saber que estou participando de algo maior, que move meninas e mulheres a entender e fazer parte desse movimento. Recomendo para outras pessoas, todo apoio é válido, além de conhecer realidades diferentes”. – **Manuella Sanches, estudante do 2º semestre de Jornalismo da FIAM/FAAM.**

“Eu participo de um projeto chamado ‘Clownfusão’ , que vem das palavras ‘palhaço’ e ‘confusão’. Eu meio que fundei esse projeto, porque o pessoal com que eu fazia teatro na escola, nós já tínhamos os palhaços como personagens e fazíamos apresentações, até que um dia tivemos a oportunidade de apresentar em uma escola pública e gostamos muito da energia das crianças como se estivéssemos fazendo a diferença na vida de alguém. Daí veio a ideia de criar o projeto de se apresentar como palhaços em lugares de crianças carentes. No começo íamos em orfanatos e depois começamos a ir a projetos sociais e escolas públicas, o objetivo era divertir as crianças, se divertir e apresentar peças de teatro. Recomendo com certeza absoluta, foi uma experiência de mudança de vida, eu sei que nem todo mundo tem a habilidade de apresentar ou ser palhaço, mas o que você está agregando na vida de uma pessoa que está passando uma dificuldade ou que não tem tanta oportunidade, independente da forma que for você já fica muito feliz. Deveria ser obrigatório pelo menos uma vez na sua vida passar por isso”. – **Arthur Silvestre, aluno do 2º semestre de Jornalismo da FIAM/FAAM.**



Arquivo pessoal

Precisamos falar

Arquivo pessoal



“O nome do projeto era ‘Escolas Mais’ e aconteceu em 2021 durante a pandemia. Basicamente nós ajudamos jovens a estudar para o ENEM. Todo o processo foi online, eu entrava todo sábado das 09h às 10h e dava aulas de reforço para os alunos. Foi muito legal, algumas pessoas me deram retorno que conseguiram passar nas faculdades que queriam, e como eu também estava no último ano do ensino médio, foi importante para eu estudar. Recomendaria para outras pessoas tentarem, pois você se sente bem no final e vale muito a pena a ajuda”. – **Anny Caroline, estudante 2º semestre de Jornalismo da FIAM/FAAM.**

Por uma outra história dos direitos humanos

Por Antonia Marcia Araujo Guerra*



Reprodução Brasil Escola

Os negros precisam ser considerados na história política dos direitos humanos, a partir das dores sofridas e das lutas travadas na formação sócio-histórica brasileira.

O pesquisador marxista Clóvis Moura, em sua vasta obra, demonstra as ideologias de interesses na luta de classe do regime escravista, e não mede esforço para colocar o negro como protagonistas da construção social da história dos direitos humanos, ao denunciar as mais perversas formas de torturas e suas formas de resistência e organização, em meio ao sistema escravista, a partir dos quilombos, das insurreições e das guerrilhas.

Na obra intitulada *Rebeliões da Senzala*, Moura (2014a), ao analisar a revolta a bordo dos negros trazidos por navios negreiros para o Brasil

em 1823, revela que “os escravos, ao serem transportados para o Brasil, algumas vezes se revoltavam durante a viagem, amotinando-se nos navios que os conduziam. Não era fácil tal tipo de revolta, visto que as guarnições desses navios, “sempre se mantiveram em alerta e violentos [...]” (MOURA, 2014a, p. 241).

Clóvis (2014a) descreve os inaceitáveis crimes cometidos contra negros, a partir das pesquisas do pintor e historiador brasileiro João Fernando de Almeida Prado, possibilita descrever a situação dos cativos durante a viagem. “Tinha razão Channing” – prossegue J. F. de Almeida Prado – “para afirmar, num arroubo de eloquência, que desde o século XVI o navio negreiro era ‘o conjunto de maior número de crimes reunidos no mesmo espaço’” (MOURA, 2014a, p. 242).

A luta dos negros teve grande ascensão no Brasil com a insurreição na capital baiana em 1835, o que para Moura (2014a) é expressa pela luta entre diferentes “nações africanas”, por se tratar de uma ação coletiva e organizada em busca incessantemente da liberdade, diante do regime escravocrata. “A última grande revolta de escravos da capital baiana e a que obteve maior ressonância histórica foi, sem sombra de dúvida, a de 1835. Dirigida por escravos nagôs, englobará, contudo, entre seus dirigentes negros de diversas outras “nações” africanas. [...]” (MOURA, 2014a, p. 253-254).

A luta dos negros com a sua respectiva força e organização consolidou a formação sócio-histórica do Brasil, embora negada e escamoteada em muitas das produções científicas e

nas análises discursivas de grande parte da política brasileira. Essa negação empobrece e no limite exclui da história a importância dos povos indígenas e negros nas formas de organização e intervenção dos processos históricos que ocorreram no Brasil. Muitas vezes, (para não dizer quase sempre) a imagem do negro e do índio aparece na formação do povo brasileiro como um povo homogêneo e adaptável, e daí a importância se reduz apenas e tão somente pela mão de obra desses no desenvolvimento econômico e cultural, demonstrado por Freyre (2003) em sua obra *Casa-grande e senzala*, o que retira da análise política o caráter de luta de classe no Brasil. Outra dimensão de intencionalidade importância dos negros, enquanto protagonistas na formação do Brasil, refere-se ao século XVII, momento em que as “nações africanas” (tidas como escravos) participaram e se organizaram diante do domínio holandês, mas não de modo homogêneo, ao contrário, devido a sua própria condição socioeconômica e dada a situação de ocupação holandesa, houve conflitos e divergências entre os povos negros, o que ocasionou três grandes movimentos: a) luta dos cativos que fugiram para as matas e se estabeleceram em quilombos; b) dos que incorporaram as tropas de combate a ocupação holandesa, ou por dominação dos senhores ou por livre vontade; c) apoiadores aos holandeses na ocupação contra o Brasil e Portugal. Esse grau de heterogeneidade é analisado por Moura (2014a) como um comportamento inerente ao contexto sócio-histórico em que os negros estavam “submetidos”, o que justifica este comportamento não ser uniforme, pois uma opção consciente seria negar o próprio regime escravocrata, que condicionava o seu pensamento e intervenção política. A história dos direitos humanos no Brasil deve conter também em seu arcabouço político-teórico a organização de insurgentes das

nações africanas, sobretudo ainda na segunda metade do século XVII, a criação do Quilombo Zumbi dos Palmares na antiga capitania de Pernambuco, e que coloca na prática da organização político-econômica da época a contradição – senhor e escravo; proprietário e propriedade.

A promulgação da Lei Áurea (Lei Imperial 3.353, de 13 de maio de 1888), diploma legal que aboliu a escravidão no Brasil, não passou de uma farsa e de uma tentativa de recomposição do poder político dos monarcas portugueses para salvar, não apenas a coroa, mas a própria cabeça, dado os inúmeros conflitos que imobilizam o Império.

O fim da escravidão (comércio e tráfico de escravos) contou com um complexo conjunto formado de dimensões, sobretudo político-econômicas de novas formas de desenvolvimento, tais como: alforria particular dos escravos; precedência da abolição pelo Norte e Nordeste (Ceará e Amazonas em 1884); impossibilidade de manter os escravos nas fazendas (abandono em massa) – esse processo desorganizou a vida econômica do Brasil e tornou precária a ordem pública.

Para Prado Júnior (1994) outro fator de destaque na abolição da escravidão no Brasil diz respeito ao novo cenário dos países ocidentais, advindo com a Revolução Francesa de 1889, em que o trabalho servil feito pelos escravos comercializados e traficados era substituído pelo novo escravo, o assalariado.

Esse campo de análise traz elementos para compreender a difícil tarefa do Brasil, em tornar negros humanos, tendo em vista que os crimes cometidos contra eles (em um passado, que não ficou no passado) não foram sentidos pela humanidade ocidental, não houve clamor universal pelo seu extermínio e massacre, nem se podia – dada as suas condições objetivas concretas na relação de exploração (senhor e escravo – Europa e Brasil), pressuposto central do desenvolvimento econômico da época.

É nesse contexto que surge a necessidade de intensificar na história dos direitos humanos a dor, o sofrimento e a luta de muitos dos negros, tendo em vista que a luta antecede o direito, pois é por meio da indignação humana dos oprimidos que se dão as revoltas e as mais diferentes formas de organização. Mas, quase sempre essa luta é escamoteada, por se tratar de interesses divergentes e inconciliáveis em relação àqueles das elites dominantes, que historicamente tiveram no poder, (in)justamente à custa dos trabalhadores que, nesse período, eram representados por negros, mantidos escravos durante quatro séculos.

Nesse sentido, por que, na gênese da história dos direitos humanos, a tortura, a escravidão e o extermínio de negros geralmente não são considerados? Será porque a dor, o sofrimento e a luta deles pouco ou quase nada impactaram a humanidade? A ideologia da classe dominante cria no imaginário social a legitimação de ideias desqualificadoras de negros, ao retirar a sua humanidade em nome dos processos perversos de dominação do poder econômico.

Essa ideologia dominante de desumanização de negros é proliferada em larga escala nos processos formativos da história de direitos humanos, ao escamotear ou negar as resistências mediante as atrocidades inaceitáveis ocorridas desde o século XV. Muitos são os intelectuais que se justificam ao mencionarem que o marco da história dos direitos humanos se dá pelas revoluções francesa e americana, pois essas impactaram a humanidade. É nessa perspectiva em que o humano vira abstrato, pois quem são os humanos da humanidade? Os burgueses, que certamente não são negros?

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, reconhecida como principal instrumento tradutor do legado da Revolução Francesa, trouxe um impacto político para as sociedades ocidentais, realmente foi

revolucionária em relação ao regime feudal, na medida em que trazia em seu arcabouço discursivo ideológico, o sonho acalentado e lutado por muitos – da liberdade, da igualdade e da fraternidade. No Brasil, é possível identificar grande influência da Revolução Francesa, ainda em 1789, momento em que os negros fazem a conspiração baiana, e seu aparato ideológico de luta, sobretudo por liberdade, era ancorado no lema revolucionário.

Uma das alas do movimento revolucionário pela independência do Brasil (1822-1825), formada pelas classes mais pobres, se inspirava na “liberdade” e “democracia”, ideias centrais da Revolução Francesa, aspiravam grandes transformações sociais, incluindo a divisão igualitária de toda a riqueza social, mas devido às condições objetivas, essas ideias assumiram um caráter abstrato (PRADO JÚNIOR, 1994).

E a propósito, sem sombra de dúvida, a Revolução Francesa foi uma estaca social, fincada a muitas mãos, para a derrocada do regime feudal, e aparentemente ela poderia resultar em um estágio possibilitador para aglutinar e potencializar os interesses dos novos burgueses e também dos negros na condição de escravos, que lutavam pela conquista da liberdade (não só, mas em especial).

Na obra *Os Jacobinos Negros*, de C. L. R. James (2010), que trata da guerra de independência de São Domingos (atual Haiti), lugar que causava inveja a muitas nações por deter dois terços do comércio exterior da França e ter o maior mercado individual para o tráfico de escravos europeu, foi lugar da única revolução dos negros com “sucesso”, dadas as impossibilidades de terem a liberdade como um valor concreto, e não apenas abstrata.

A guerra da independência de São Domingos representa a influência do ideário da Revolução Francesa rumo às grandes transformações da sociedade, o que influencia também os negros, tendo em vista as suas articulações com a França e a organização para a criação de um território-nação (Haiti).

Toussaint, grande líder da revolta, viu a possibilidade na prática que a batalhada liberdade, igualdade e fraternidade poderiam ser conquistadas também pelos negros (JAMES, 2010).

Desse modo, os negros levaram às últimas consequências o lema da Revolução Francesa e desmascaram historicamente a suposta passividade no acesso para todos, na medida em que a revolta foi combatida pela própria França por meio do exército de Napoleão Bonaparte.

Assim, o ideário da Revolução Francesa, servindo de legado para a história da humanidade, começa a desmoronar diante dos negros, que viram concretamente o ideário francês ser restrito ao projeto da burguesia, pois o ponto central era a expansão da burguesia, o que contraditoriamente não poderia assegurar o lema a todos (como “imaginavam” os negros), sobretudo aos rebeldes que lutavam por uma república haitiana de negros, que representou na nova estrutura política, a luta de classe.

Contudo, é inegável a importância da Revolução Francesa ao se reconhecer os avanços do ponto de vista da emancipação política como estágio de superação ao regime feudal derrotado pela revolução burguesa. Mas, em si, esse processo não supera a ordem das contradições sociais, ou seja, o que tornará efetiva, humanamente e livres os trabalhadores é a emancipação humana.



Arquivo pessoal

* Graduação em Serviço Social pela PUC-SP. Doutorado e Mestrado PUC-SP. Atualmente é coordenadora do Curso de Serviço Social do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU).

Referências:

JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. Tradução Nélcio Schneider e Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010.

MAZZEO, Antonio Carlos. *Estado e Burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2002.

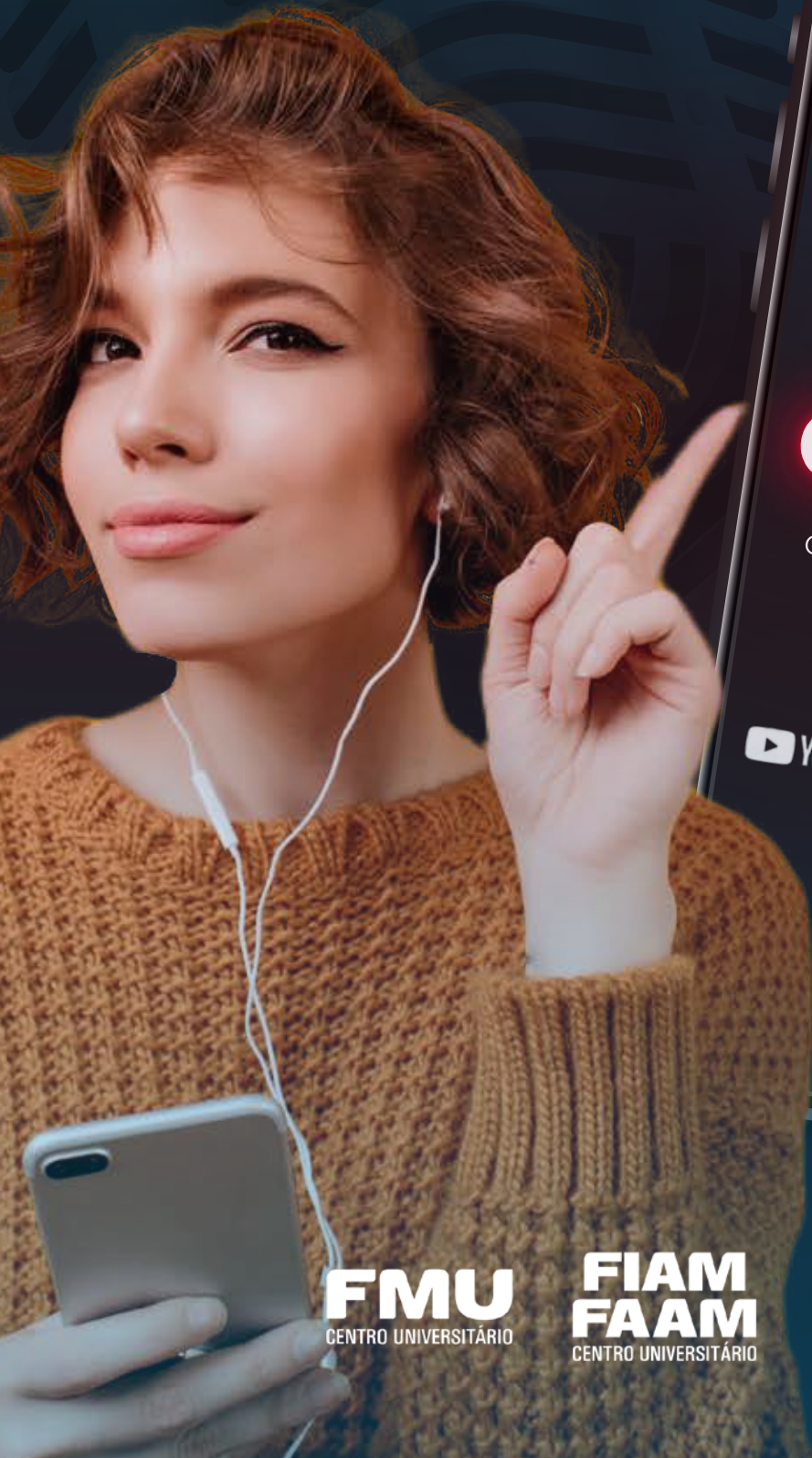
MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 5. ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2014a.

_____. *Dialética Radical do Brasil Negro*. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois coedição com Anita Garibaldi, 2014b.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 23. Ed. São Paulo, Editora. Brasiliense, 1994.

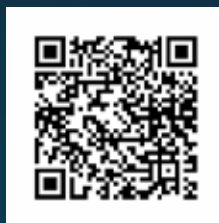
TRINDADE, José Damião de Lima. *História Social dos Direitos Humanos*. 3. ed. São Paulo: Petrópolis, 2011.

CONHEÇA O PODCAST OFICIAL DA FMU | FIAM-FAAM



FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO

**FIAM
FAAM**
CENTRO UNIVERSITÁRIO



Assista aos
episódios



Hajja Shanti - Egressa de Pedagogia,
Psicopedagogia e Ed. Física



Wellington Ferreira
Estudante de Engenharia Elétrica



Athilio Santos
Egresso de Relações Internacionais



Emily Oliveira
Egressa de Recursos Humanos

**Você faz,
você conquista!**



Daniel Sodré
Egresso de Musicoterapia



Roney Agostinho
Estudante de Direito



Marta dos Santos
Estudante de Engenharia Civil



Antonio B. Furlan
Egresso de Economia

FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO

**FIAM
FAAM**
CENTRO UNIVERSITÁRIO